

CROCHETANDO EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS



Maiara Orben Luiz Borghezan

Me. Marcelo Feldhaus

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

MAIARA ORBEN LUIZ BORGHEZAN

CROCHETANDO EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

**CRICIÚMA
2018**

MAIARA ORBEN LUIZ BORGHEZAN

CROCHETANDO EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Feldhaus.

**CRICIÚMA
2018**

MAIARA ORBEN LUIZ BORGHEZAN

CROCHETANDO EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com linha de pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 21 de novembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação – (UNESC) – Orientador

Prof^a. Odete Angelina Calderan – Mestre em Artes Visuais – (UFSM)

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora em Ciências da Linguagem – (UNISUL)

Dedico esta pesquisa à minha avó Denise.

Vó, eu te amo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer pela vida, pois sem ela eu não estaria aqui escrevendo este trabalho de conclusão de curso.

Agradecer a minha vizinha, Vó Deni, que desde quando eu era pequena cuidou de mim como se fosse sua própria filha e que me ama infinitamente como eu a amo. Agradeço a Deus todos os dias por te ter na minha vida vó. Você é tudo para mim!

Agradeço aos meus pais Simone e José, que sempre me incentivaram a fazer um curso de graduação e que apesar de todas as minhas desistências, me apoiaram em ser uma Professora/Artista. Eu amo vocês! Obrigada por TUDO! Obrigada mãe, por me ajudar a manter a sanidade nos momentos que pensei em desistir de tudo, em especial nas dificuldades financeiras. Obrigada Teteco por ter condições de me proporcionar a graduação de Artes Visuais Licenciatura, a qual tanto sonhei.

Agradeço ao meu Marido Júnior, por ter sido minha base todos esses anos e me proporcionar uma vida confortável, em que eu pudesse me dedicar 100% a graduação e por me ouvir quando eu precisava desabafar, me consolar nos momentos de choro, e olha que foram muitos! Não sei como te agradecer por tudo que você fez e faz por mim, só peço a Deus que te abençoe sempre! Te Amo.

Agradeço imensamente ao meu orientador Marcelo Feldhaus, por me auxiliar a desenvolver essa pesquisa, por sua total atenção e dedicação, muito Obrigada!

Agradeço aos meus professores de toda a graduação: Alan, Ana, Angélica, Aurélia, Bel, Cibele, Daniel, Edina, Edite, Everson, Fernanda, Gislene, Jeferson, Juliano, Kafka, Katiúscia, Leila, Lenita, Leticia, Luan, Marcelo, Odete, Sérgio, Silemar, Thiago, Valdenir e Viviane. Sem vocês eu não teria me tornado a pessoa que sou hoje, muito obrigada!

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para minha formação acadêmica, em especial meus colegas: Leyne, Rita, Nathália e Rodrigo. Agradeço ao Caco Montovani, por me auxiliar nas minhas loucuras e fazer com que eu me entendesse, nos momentos que nem eu me compreendia.

Minha gratidão a todos os alunos da turma 302, que participaram do estágio e ajudaram a contribuir para transformar o crochê e a experiência estética em uma monografia, trazendo suas experiências em sala de aula.

Agradeço a Escola de Educação Básica Toneza Cascaes, escola aonde estudei a maior parte da minha vida escolar e que receberam a mim e a minha proposta com muito amor e atenção. Agradeço a professora de Artes da turma 302, com qual fiz o Estágio III, Aracely da Silva, por me deixar viver essa experiência.

Por fim agradeço ao nosso Senhor Deus Todo Poderoso, que em toda a sua bondade e amor cuida de mim, que nos momentos difíceis esteve sobre mim guiando meus passos, sem Ti, nada sou Deus. Só tu és o Deus do impossível, só tu tens poder sobre todas as coisas. Te agradeço meu Senhor pela vida que me destes!

*Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo,
à sombra do Onipotente descansará.*

Salmos 91:1

“No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas no sentido ou do sem-sentido do que nos acontece”.

Jorge Larrosa

RESUMO

“Crochetando Experiências Estéticas” é uma pesquisa da linha de Educação e Arte, do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Tem como objetivo analisar quais as possibilidades da técnica do crochê enquanto experiência estética com alunos do Ensino Médio, a partir das narrativas coletadas durante a realização do projeto de docência na disciplina de Estágio III. A pesquisa se desenvolve a partir das experiências pessoais da graduanda com o crochê e do mesmo como uma experiência de docência com um grupo de adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio. A fundamentação teórica da pesquisa discorre a partir de autores como Freitag (2015), Rodrigues (2012), Cocchiarale (2006), Koneski (2007), Pilotto (2007 e 2008), Loponte (2017), Larrosa (2002), entre outros. A pesquisa conta ainda com referencial artístico, dentre eles Agata Olek, Karen Dolorez, Toshico Horiuchi, Joana Vasconcelos, entre outros. A pesquisa surge da problematização que visa investigar, “quais as possibilidades do crochê como experiência estética para os alunos do ensino médio?” Por meio da arte contemporânea, os alunos puderam criar intervenções e instalações significativas, com temas que eles mesmo escolheram, revelando que a arte produz pensamento. Mostra ainda que a experiência estética por meio do fazer artístico, não somente pelo crochê, mas também por outros meios artísticos, tem a possibilidade surpreendente de mudar olhares, sentimentos, pensamentos e a própria vida.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Experiência Estética. Crochê. Artesania.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Big Booby #3, 2016	13
Imagem 2 - Mazarin, 2012.....	14
Imagem 3 - Instalação da artista Toshico Horiuchi.....	14
Imagem 4 - Artista Toshico Horiuchi produzindo sua instalação.	14
Imagem 5 - Sem Título, 2016.	16
Imagem 6 - Imagine o Livro, 2016.....	16
Imagem 7 - Intervenção e Performance com o Livro-Objeto “Imagine o Livro” no Centro Cultural Jorge Zanatta, 2017.	17
Imagem 8 - Grubbie, 2017.	17
Imagem 9 - Sem Título, 2018.	17
Imagem 10 - Tutorial de como fazer correntinhas em crochê.	18
Imagem 11 - Correntinhas de crochê.	18
Imagem 12 - “Caminhando” de Lygia Clark.....	19
Imagem 13 - Movimento Yarn Bombing.....	20
Imagem 14 - Jacaré coberto de crochê por Agata Olek em Mostra Sesc de Artes, 2012.	20
Imagem 15 - Obra de Karen Dolorez.	21
Imagem 16 - “Antes de um braço quebrado” de Marcel Duchamp.....	26
Imagem 17 - Cerâmica Grega.....	27
Imagem 18 - Real Color Circles, Turku 2010 (Detetives de Panelas de Negócios de Pulgas) de Anu Tuominen.....	31
Imagem 19 - Alunos interagindo após a experiência com a obra “Caminhando” de Lygia Clark	40
Imagem 20 - Alunos fazendo a experimentação com a frottage.	41
Imagem 21 - Alunos fazendo a experimentação com o desenho de observação.	41
Imagem 22 - Graduanda auxiliando a aluna na confecção do crochê.....	42
Imagem 23 - Alunos trabalhando em seus projetos, todos muito concentrados.	42
Imagem 24 - Alunos trabalhando em seus projetos, confeccionando as correntinhas de crochê.....	43
Imagem 25 - Alunos colando as correntinhas no molde.....	44
Imagem 26 - Aluna finalizando a produção.	45

Imagem 27 - Instalação para conscientizar as pessoas a ajudarem o próximo com a campanha do agasalho. Crochê sobre arame galvanizado.	45
Imagem 28 - Intervenção sobre o amor.	46
Imagem 29 - Intervenção para conscientizar as pessoas sobre o racismo e diversidade cultural.	46
Imagem 30 - Intervenção para conscientizar as pessoas a cuidarem de si mesmas e a se amar.	47
Imagem 31 - Intervenção para conscientizar as pessoas sobre o valor de uma vida. Tantas mortes sem sentido, mortas por muito pouco. As pessoas precisam pensar no valor de uma vida.	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
PPA	Projeto de Pesquisa em Arte
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ARTE CONTEMPORÂNEA E ARTEFATOS CULTURAIS: ARTE E ARTESANIA	25
3 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: A CONSTRUÇÃO DO SER SENSÍVEL.....	32
4 A LINHA DO CROCHÊ: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....	37
5 PROJETO DE EXTENSÃO.....	49
5.1 TEMA	49
5.2 EMENTA	49
5.3 OBJETIVOS	49
5.3.1 Objetivo Geral.....	49
5.3.2 Objetivos Específicos	49
5.4 CARGA HORÁRIA	49
5.5 PÚBLICO-ALVO.....	49
5.6 JUSTIFICATIVA	50
5.7 CRONOGRAMA.....	52
6 CONSIDERAÇÕES: ARREMATANDO OS PONTOS	53
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXOS	59
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA	60

1 INTRODUÇÃO

“A agulha é meu instrumento: a ponta de ataque. Mas a retidão do gesto circular é que fura e perfura os possíveis elos desencadeados. Imediatamente encadeados”.

Edith Derdyk, 2010

Desde a adolescência gostei muito de fotografia, design e outras áreas que se relacionavam com o desenho e demais manifestações artísticas. Me formei no ensino médio em 2011 e desde lá, já tinha o desejo de cursar artes visuais. Nessa época trabalhava como designer e diagramadora do jornal da cidade, eu amava trabalhar lá.

No ano de 2012 entrei no curso de Engenharia Civil, cursei um semestre e tranquei, não era isso que eu queria, no segundo semestre me matriculei em Direito – desejo dos meus pais – e desisti antes de o semestre acabar, não me identificava com área. De 2013 a 2014 trabalhei como fotógrafa em um estúdio fotográfico de Orleans, e isso contribuiu ainda mais para meu desejo de ingressar no Curso de Artes Visuais. Nesse mesmo período (2014) descobri o crochê, este que se tornou minha paixão. O crochê por vezes foi entendido como uma forma de terapia, mas não era disso que precisava naquele momento, só precisava de algo para ocupar meu tempo, porque estar desempregada e em casa o dia todo não era fácil. Os livros já não me adiantavam mais, pois eu os devorava em muito pouco tempo. Sou uma pessoa muito ansiosa e fazendo crochê eu nem percebia a hora passar e quando olhava pela janela o dia já tinha se tornado noite. Sem perceber o tempo passar eu me sentia mais tranquila, e no fim das contas o crochê serviu como terapia.

Aprendi a fazer crochê sozinha pela internet, com a influência de uma amiga muito querida a Cláudia, – as vezes nos encontramos para ficar crochecendo. Na época fui numa loja especializada e comprei tudo que precisava para crocheter, com as instruções da dona da loja que hoje se tornou minha amiga, pois quase todo dia estou lá. Comecei a assistir vídeos tutoriais no YouTube e tentar reproduzir. Aquilo parecia super fácil, mas era difícil conseguir organizar a linha e a agulha na mão, mas com muito esforço aprendi e hoje sei da importância do mesmo em minha

vida. Considero importante iniciar essa escrita com uma breve retomada de minha história de vida, pois acredito em uma pesquisa vinculada ao cotidiano.

Então decidi que no ano seguinte – 2015 – iria cursar Artes Visuais. Fiz minha inscrição por histórico escolar e passei em terceiro lugar e assim meu sonho começou a se tornar realidade.

Logo que entrei na graduação em 2015, questionei alguns professores sobre essa arte do crochê, e eles me disseram que não era realmente arte, mas sim artesanato (conceito que aprofundarei no detalhamento da pesquisa). A partir daí, travei uma luta interna comigo mesma me questionando: “porque crochê não é arte?”.

Nesses três anos e meio fazendo faculdade, sempre tive vontade de trazer o crochê como produção artística, buscando alternativas de romper com as fronteiras criadas por artistas, curadores e críticos de arte. Por essa razão gostaria de entender quando o crochê é arte, o que é arte e o que é o artesanato e como o crochê pode ser levado para sala de aula. Partindo do princípio que o crochê pode ser compreendido como objeto de arte, cito a antropóloga Vanessa Freitag (2015, p.166)

[...] penso que o artesanato é uma arte: no sentido tradicional do termo, é a habilidade de criar coisas bem feitas e de saber executá-las com as mãos; mas também, se trata de um objeto artístico imbuído de significados (tanto para o artesão que o cria quanto para o seu respectivo consumidor), porque nos remete à identidade cultural de um povo, de uma comunidade ou de um artesão em particular. Penso que também pode-nos conectar com nossas lembranças, evocar um tempo e um espaço determinado, ser um dispositivo de afetos. Quando vejo um artesanato, me sinto imediatamente interessada por suas formas, cores, materiais, significados e algumas vezes, pelo uso que posso dar-lhe.

A arte do crochê não está apenas no ato de fazer, mais também nas texturas da linha, na forma, na sua cor.



Imagem 1 - Big Booby #3, 2016
Joana Vasconcelos
Fonte: www.joanavasconcelos.com

Em 2016 tive meu primeiro contato com o crochê aproximado com a arte, ocorreu na aula de Pintura e Pesquisa com a professora Leticia Cardoso¹. Ela nos propôs a fazer uma pintura em campo expandido articulada a escrita de um artigo acadêmico, foi ali que tive a ideia de usar o crochê.



Imagem 2 - Mazarin, 2012

Joana Vasconcelos

Fonte: www.joanavasconcelos.com

No momento em que a professora falou do trabalho, pensei logo no crochê e perguntei se poderia fazer algo com ele, ela concordou e me apresentou três artistas: Clara Fernandes, Joana Vasconcelos e a Maria Nepomuceno. A partir delas comecei uma pesquisa sobre “O crochê como obra de arte” e o que achei engraçado é que muitos artistas usam o crochê em suas obras e instalações mais não citam qual a técnica usada. Pelas fotos (Imagens 1 e 2) percebemos a presença do crochê nas produções.

Insisti em minha pesquisa até que cheguei a uma artista japonesa



Imagem 3 - Instalação da artista Toshiko Horiuchi.

Fonte: archtrends.com/blog/brincadeira-de-crianca-o-playground-de-croche-e-trico-da-artista-toshiko-horiuchi-macadam/



Imagem 4 - Artista Toshiko Horiuchi produzindo sua instalação.

Fonte: <https://stitchesandhos.wordpress.com/tag/toshiko-horiuchi-macadam/>

chamada Toshiko Horiuchi, ela cria enormes e coloridas esculturas/playgrounds para crianças, levando cerca de um ano para confeccionar seus trabalhos inteiramente à mão.

¹ Fonte: <http://lattes.cnpq.br/6982558952985489>

Em uma entrevista feita pela Arch Daily, a Artista Horiuchi², fala como é para ela usar as suas mãos para tecer e me identifiquei muito com esse depoimento, pois foi exatamente assim que me senti fazendo o trabalho de pintura no campo expandido:

Conforme eu trabalho a imagem toma forma dentro de minha mente. É como se a imagem estivesse dizendo às minhas mãos o que fazer - e é por isso que é difícil de usar as mãos de outras pessoas. Quando eu estou usando minhas mãos, meu cérebro se concentra, a imagem se torna mais clara, as soluções técnicas vêm à mente³.

Iniciei as pesquisas na internet, não procurando artistas, mas sim imagens de “Crochê na Parede”, pois acreditava que se colocasse o crochê em uma parede como um quadro de uma pintura famosa, faria com que ele fosse mais valorizado. Me identifiquei muito com a obra de uma artista chamada Anu Tuominen, sua produção é em crochê e muito simples, baseada no artesanato da Finlândia. Ela faz grandes instalações com pegadores de panela confeccionados em crochê, o resultado é surpreendente.

Em meio às pesquisas encontrei o Livro “Linha de Costura” da Edith Derdyk, em que a autora traz poemas sobre costura, linhas, sentimentos e não pude deixar de trazer estas epígrafes para refletir junto a minha pesquisa.

Acredito que um dos elementos de conexão em sua produção é a experiência estética que ela provoca, é o sentimento que nos toca como cita Larrosa (2002, p. 21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. ”

Seguia minha vida acadêmica lendo e pesquisando relações do crochê como arte. Além disso, minha grande vontade era levar o crochê para dentro da sala de aula nas aulas de Artes, perceber as possibilidades e o que os alunos iriam sentir, se iriam gostar.

² Toshiko Horiuchi é uma artista plástica japonesa que estudou arte na Tama Art University, em Tóquio. É considerada a artista japonesa líder em trabalhar com fibras e tecidos, utilizando a técnica do crochê. Atualmente mora no Canadá e é especializada na criação de grandes playgrounds que funcionam como explorações imaginativas que podem proporcionar jogos emocionantes. Fonte: <https://volviendoanunajamas.wordpress.com/toshiko-horiuchi-paraíso-infantil-bordado-a-mano/>, acesso em 14/08/2018 às 22h27.

³ Fonte: <http://www.archdaily.com.br/85729/conheca-a-artista-por-tras-desses-surpreendentes-playgrounds>, acesso em 14/08/2018 às 22h27



Imagem 5 - Sem Título, 2016.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagem 6 - Imagine o Livro, 2016.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Não posso deixar de falar da minha experiência com o crochê nesse trabalho de conclusão de curso. Com as leituras e reflexões fui amadurecendo a pesquisa na medida em que produzia peças de crochês e aperfeiçoava a técnica e ao mesmo tempo a criação. Separava o ato artesanal e o fazer criativo.

O ato de fazer, o ato de me deixar sentir, de me deixar tocar, me transportam para outro mundo, um mundo onde tudo pode acontecer, um mundo onde eu me conecto com outro ser, o meu ser sensível, sentindo a linha tocando minha mão, sentindo os movimentos da agulha, é neste momento que eu viajo. Uma viagem potente, onde eu sinto que posso criar tudo que desejo com aquela linha e agulha em mãos. É nesse momento que o ser criador brota dentro de mim. Trazendo todas as minhas inquietações, mas ou mesmo tempo me trazendo paz, fazendo com que eu esqueça de tudo ao meu redor. É como se o mundo parasse de girar, e tudo aquilo de ruim que existe aqui fosse embora, por mais que sejam por poucas horas, isso é mágico.

Penso que toda peça de crochê que confecciono se relaciona com um ato criativo, até mesmo as peças utilitárias. Meu primeiro trabalho “artístico”, assim dizendo, foi referenciado nos pegadores de panela (Imagem 18) como já citado anteriormente. Então eu peguei algumas sobras de fios e fiz esses squares (quadrados de crochê) e para imitar uma parede os distribui em uma tabua de mdf (Imagem 5).

Minha segunda produção artística com o crochê foi o Livro-objeto (Imagem 6), proposição feita pela professora Odete Calderan na disciplina de

Escultura e Pesquisa na 5ª fase do curso. Proposta que trouxe duas das minhas paixões, o crochê e os livros. Decidi então fazer um livro de crochê no intuito de provocar o espectador a “imaginar” o que poderia ter dentro do livro, por isso o nome “Imagine o Livro”. Em minhas proposições gosto de usar a criatividade e provocar quem o vê.

Na mesma disciplina a professora sugeriu uma intervenção no Centro Cultural Jorge Zanatta (Patrimônio Cultural de Criciúma/SC que estava em situação de abandono) com os nossos Livro-Objeto. Decidi fazer uma performance junto com a intervenção, onde passaria uma hora fazendo crochê nas escadas, bem em frente ao centro. Coloquei meu livro objeto no chão perto de mim, e comecei minha intervenção e a performance (Imagem 7). Foi exatamente uma hora para a confecção de um vaso de crochê com fio de malha.



Imagem 7 - Intervenção e Performance com o Livro-Objeto “Imagine o Livro” no Centro Cultural Jorge Zanatta, 2017.
Fonte: Fotografia por Iêda Topanotti.

Minha terceira produção artística foi o “Grubbie” (Imagem 8), este foi



Imagem 8 - Grubbie, 2017.
Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagem 9 - Sem Título, 2018.
Fonte: Arquivo Pessoal.

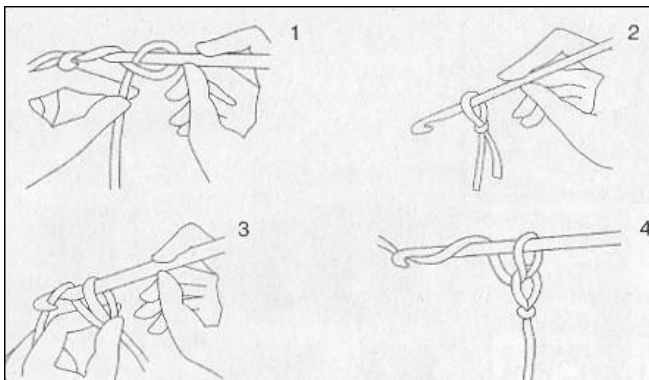


Imagem 10 - Tutorial de como fazer correntinhas em crochê.

Fonte: www.crochepassoapasso.com.br



Imagem 11 - Correntinhas de crochê.
Fonte: www.ateliedocroche.com.br

proposto pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), em que nas férias teríamos que construir um personagem e uma história para ele. Logo que a proposta foi feita já pensei em fazer um amigurumi de crochê e para confeccioná-lo também usei sobras de linhas que tinha em casa.

Minha quarta e atual produção artística (Imagem 9) é uma proposta feita também pela professora Odete Calderan na disciplina de Cerâmica e Pesquisa da 8ª fase foi utilizar nossas linhas de pesquisas e uni-las a cerâmica. Iniciei a minha pesquisa a partir de alguns artistas apresentados pela professora em aula, para entender de que maneira eu poderia introduzir o crochê na cerâmica. Pensei em imprimir o crochê na cerâmica, mas percebi que muitos artistas já fazem este tipo de produção.

Pensei em uma peneira, tipo um filtro com uma base para costurar o crochê. Fiz a base de cerâmica e depois de pronta crochetei a peça de crochê sob medida. Para o fazer artístico do crochê me inspirei em algo como mandala, filtro dos sonhos, algo que remete ao centro de si. Produção esta que se encontra na capa deste Trabalho de Conclusão de Curso.

No Estágio III finalmente tive oportunidade de levar o crochê para sala de aula, antes do início das observações com a turma do ensino médio fui até a escola para ter uma conversa com os alunos, pois eu tinha receio de não aceitarem a proposta de fazer o crochê.

Nesta conversa todos foram muito abertos e toparam a proposta. A partir daí precisava pensar em uma forma de abordagem com a turma.

Por qual motivo eles fariam o crochê? O que os levaria a ter uma experiência estética a partir do crochê? Como relacionar os conhecimentos previstos no currículo de arte do ensino médio com o crochê? Questões que me deixaram apreensiva em não dar conta de contextualizar com os alunos e com a minha professora orientadora da disciplina de Estágio III. Comecei fazendo pesquisas e

tentando procurar entender como eu poderia ensiná-los de uma forma fácil e prática,

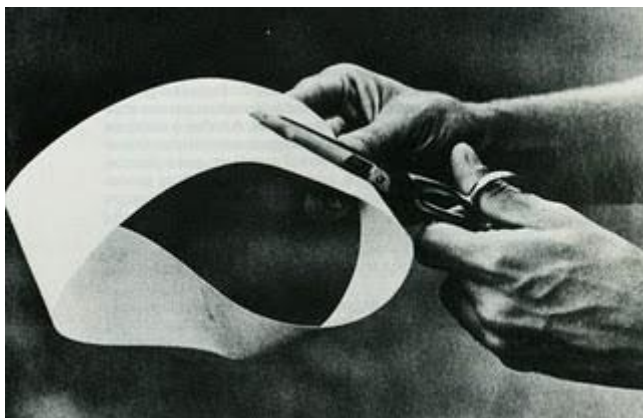


Imagem 12 - “Caminhando” de Lygia Clark

Fonte: www.fashioncriss-crossing.blogspot.com/2010/09/blog-post_5048.html

decidindo então trabalhar apenas com as correntinhas⁴ (imagens 10 e 11) de crochê.

Em minhas pesquisas e percurso acadêmico, percebi que a experiência estética se dá no ato de fazer o crochê, no entrelaçar das linhas o artesão está na busca de si mesmo, está delineando seus caminhos, assim como na produção

artística “Caminhando” (imagem 12) de Lygia Clark, que nos faz pensar quais os caminhos que tomamos em nossa vida e a ação de percorrer a tira de papel. Almeida⁵ (2012) discorre sobre esta produção da artista

Percebemos o significado na própria ação de percorrer a tira de papel com a tesoura, esse gesto efêmero com o qual você constrói seu próprio caminho. Diga-me se não é uma metáfora útil para a vida! Sim, vamos caminhando sempre em frente, tudo o que experimentamos é único e não se repete, não se pode voltar atrás. As marcas das nossas atitudes, as consequências das nossas escolhas ficam registradas ali para sempre, transformam o papel de um jeito que ele jamais será o mesmo novamente. Caminhamos sempre em frente, é a única possibilidade. Mesmo que se queira reverter uma escolha mal feita, talvez colando as tiras de papel com fita adesiva, restará uma marca aparente, a cicatriz do gesto, algo que jamais nos deixará esquecer o que passou. A importância das escolhas que fazemos ao longo da vida fica evidente em *Caminhando*. Ao cortar uma tira de papel com a tesoura, o pensamento flui, passamos então a compreender melhor nossos passos. Tomar conhecimento dos próprios atos é uma maneira de escapar da banalidade do dia a dia, de não sucumbir à rotina. Trata-se de um ato criador em que o participante se encontra tão envolvido consigo mesmo que sequer nota a presença da artista e do objeto de arte. Sujeito e obra estão integrados, são uma coisa só. A participação não se resume a uma atitude comportamental, ela é condição da experiência. Nesse sentido, *Caminhando* é também uma tentativa de negação do objeto artístico. Uma tentativa de transformar o produto num gesto para livrá-lo dos fetiches e das vaidades do mercado. Uma proposição estética e política. Sim, isso é arte, sem dúvida. Mas a arte não é só isso.

⁴ Correntinha é um ponto muito simples utilizado no crochê, principalmente para dar início aos trabalhos.

⁵ Fonte: <http://www.artefazparte.com/2012/09/sempre-em-frente.html>, acesso em 14/08/2018 às 22h27.



Imagem 13 - Movimento Yarn Bombing

Fonte: <https://www.daysoftheyear.com/yarn-bombing-day/>

Nessa busca do aluno por si mesmo, queria trazer uma proposta bacana, em que os alunos do Ensino Médio se identificassem e trouxessem algo para si, uma causa, uma crítica a sociedade ou qualquer outra coisa que potencializasse um pouco deles na produção artística. Apresentei o Yarn Bombing (Imagem 13), um

movimento que surge em 2005 no Texas, um tipo de intervenção urbana, com a ideia de aproveitar as sobras de barbantes e linhas tecendo peças e colocando-as nas árvores das cidades para que os moradores de rua pudessem se esquentar nas noites frias e pela manhã colocasse novamente no local para que outra pessoa pudesse usar.



Imagem 14 - Jacaré coberto de crochê por Agata Olek em Mostra Sesc de Artes, 2012.

Fonte: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/menteaberta/tag/agata-olek/>

Desde então se espalhou pelo mundo tornando-se um movimento artístico e criando uma potente corrente de ajuda a quem precisa. Evidenciei também artistas que trabalhavam com o crochê de uma forma diferente, como Agata Olek⁶, uma artista polonesa que trabalha com o crochê como forma de intervenção (imagem 14).

⁶ Escultora, performance e artista de rua. Olek recebeu seu bacharelado em Estudos Culturais pela Universidade Adam Mickiewicz em Poznań, onde estudou entre 1997-2000. Seus trabalhos incluem

Trago abaixo uma citação tirada da entrevista que Agata Olek concedeu ao TVSSE e Elo7 aqui no Brasil, em que ela diz a importância que o crochê e arte tem para a mesma

Para mim, não há separação entre a vida e a arte. Tudo está junto. O que quer que eu faça, faz parte do que eu sou como artista. Qualquer coisa que entra na minha vida será crochê. Tudo que deixa minha vida, também será crochê. O crochê mensagens de textos, e-mails.... Tudo, tudo que eu acho importante, eu preciso transformá-lo em algo permanente, mais visível; trazê-lo para vida. Por que algumas vezes, você sabe, as pessoas esquecem das pequenas coisas que estão em volta delas. E quando eu crochê essas coisas, estou dando uma nova pele a elas. Tornando essas coisas mais visíveis, dando vida novamente. Isso se aplica as minhas esculturas, as minhas mensagens de texto, ao meu trabalho na rua. Todos os trabalhos em Galerias que estou fazendo, nas esculturas, possuem o mesmo princípio.

Os trabalhos de Agata Olek estão espalhados por todo o mundo disseminando o Movimento Yarn Bombing como linguagem artística.



Imagem 15 - Obra de Karen Dolorez.
Fonte: www.dolorez.com.br

esculturas, instalações, objetos infláveis, bem como arte em fibra. Olek atualmente vive e trabalha em Nova York. Fonte: <https://culture.pl/en/artist/olek>, acesso em 14/08/2018 às 22h27.

Outra artista que irei relacionar a essa pesquisa é Karen Dolorez⁷, brasileira, e que trabalha o crochê em suas obras envolvem questionamentos relacionados a ocupação de espaços públicos, sociedade, arte de guerrilha, feminismo e amor (Imagem 15).

Já a Toshiko Horiuchi é uma artista japonesa, que cria através do crochê grandes instalações para as crianças, sendo uma produção artística interativa. A partir da produção dessas três artistas mostrei aos alunos a força que o crochê tem através da arte, mostrando a diferença entre intervenção e instalação.

A pesquisa que apresento tem como tema a Arte Contemporânea em diálogo com a artesanaria, em especial a técnica do crochê tomando como ponto de partida as experiências da disciplina de Estágio III. Segue a linha de pesquisa Educação e Arte que tem como ementa os “princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação”.⁸

Como problema central proponho investigar “quais as possibilidades do crochê como experiência estética para os alunos do ensino médio?” Esse problema desdobra-se em questões norteadoras que auxiliam na estruturação das reflexões teórico/práticas aqui apresentadas: Qual o conhecimento que os alunos têm sobre o crochê? Como o movimento Yarn Bombing pode ser inserido dentro da escola? De que modo o aluno pode ter uma experiência estética a partir do crochê? O que os alunos pensam sobre o crochê nas aulas de Artes? Como o ato de fazer crochê pode ajudar no processo criativo e crítico dos alunos? De que maneira o crochê pode ajudar o aluno na concentração da busca de si mesmo em relação a experiência estética?

A partir das questões destaco os objetivos, dentre eles: “analisar as possibilidades da técnica do crochê como uma experiência estética para o ensino médio.” E os específicos: Investigar a partir de uma experiência pessoal, como o ato de fazer crochê pode ajudar no processo criativo e crítico do aluno do ensino médio; Analisar quais as possibilidades de abordar em sala de aula a arte contemporânea a

⁷ Karen Dolorez, artista visual residente de São Paulo, utiliza o crochê como instrumento para sua expressão artística pessoal, criando grandes painéis em crochê e espalhando pelos muros das cidades. Fonte: <http://dolorez.com.br/about/>, acesso em 14/08/2018 às 22h27.

⁸ Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/files/615/NormasTCCLicenciatura.pdf> acesso em 19/08/2018 às 10h54.

partir da técnica do crochê; Comparar referenciais teóricos, fazendo relações entre o crochê e outras linguagens das artes visuais; Buscar aproximar o artesanato/artesania da arte a partir de artistas que já produzem arte com esses elementos artísticos.

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, pois além de envolver levantamento bibliográfico, apresenta artistas que falam sobre o crochê fazendo relações com a pintura, bordado, ou seja, outras áreas de artes visuais inter-relacionadas com as experiências desenvolvidas em meu Estágio III.

Diante disso, trago minha pesquisa para o campo da Pesquisa Narrativa onde irei transcrever minhas experiências de campo em narrativas autobiográficas, não distanciando o investigador do investigado, ou seja, tratei relatos de experiências dos alunos que contribuíram com o Estágio III intercruzadas com minhas memórias pessoais. A pesquisa narrativa vai além de ouvir e contar histórias, ela toca a memória e faz-nos lembrar do passado, presente e pensar no futuro, neste caso como futuros educadores. (CLANDININ E CONELLY, 2011).

Além da simples lembrança, a memória constitui uma viagem no tempo, e narrar é, dentre outras, rememorar experiências diversas quer da vida pública ou da vida privada. Tais percepções evidenciam que a unidade narrativa é constituída de vivências e experiências, adquiridas e construídas no decorrer da história de vida do ser humano que cristalizam e se constituem em imagens que são retomadas em situações cotidianas. (SOUSA; CABRAL, 2014, p.150)

É por meio da pesquisa narrativa que temos contato com experiências de outras pessoas, fazendo com que o espectador tenha novas experiências como cita Sahagoff, “A experiência se desenvolve a partir de outras experiências e essas experiências levam a outras experiências.” (2015, p. 3)

E quando falamos de contar histórias ou experiências, falamos de uma pesquisa narrativa, que conta aquilo que aconteceu. Essa pesquisa biográfico-narrativa pode servir de meio para que outros professores e pesquisadores compreendam que há sim uma maneira de fazer arte com o artesanato. E não apenas isso, também pode ajudar a construir novos conhecimentos como citam as autoras Sousa e Cabral (2014, p. 151), “[...] considera-se que a abordagem (auto) biográfica ou biográfico-narrativa imprime a organização da trajetória pessoal e profissional, a reflexão sobre as práticas, a construção de novos conhecimentos.”

Meu objeto de estudo busca compreender como os alunos entendem a relação da experiência estética e do fazer crochê, ou seja, como fazer relações entre o fazer e o sentir. Como podemos perceber se essas relações se estabeleceram? Isso iremos descobrir juntos, é o meu convite ao leitor!

O ato de narrar é algo que nos conta nossas próprias histórias ou de outras pessoas, tendo um papel muito importante de marcar histórias e esse é meu desejo, deixar marcada minha experiência e dos meus alunos com o crochê, narrar nossas experiências para que elas deixem memórias e que outros professores, curadores, artistas e pesquisadores também se deixem ter essa experiência que pode se construir carregada de sentidos.

Dessa forma organizo a pesquisa na seguinte estrutura: no capítulo intitulado “Arte contemporânea e artefatos culturais: arte e artesanias”, desenvolvo alguns conceitos sobre a arte contemporânea e como ela tem contribuído para com a arte abrindo novas possibilidades aos artistas e ao ensino da arte. Desenvolvo também o termo artefatos culturais e artesanaria.

No capítulo seguinte, “Experiência estética: a construção do ser sensível”, falo sobre como nós professores podemos contribuir na construção do ser sensível que existe em nossos alunos por meio da experiência estética.

O próximo capítulo, “A Linha do Crochê: uma Experiência Estética”, trago o relato e experiência que tive no estágio III, que ocorre na 7ª fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, no qual levei o crochê para dentro da sala de aula com uma turma de Ensino Médio. Essa experiência foi a chave inicial para a realização pesquisa. Este capítulo é muito significativo, pois traz as experiências e relatos de alunos que participaram no projeto de estágio.

Na sequência, apresento o Projeto de Curso, com o tema: “Crochê como Experiência Estética para professores de Artes”, proposta a ser realizada com professores da rede municipal de Orleans/SC, com o intuito de levar minhas experiências e mostrar a estes professores as possibilidades do ensino por meio do sensível.

Para finalizar, trago o capítulo final, “Considerações: arrematando os pontos”, onde retomo a questão central desta pesquisa, as questões norteadoras e os objetivos, arrematando os pontos finais da investigação.

2 ARTE CONTEMPORÂNEA E ARTEFATOS CULTURAIS: ARTE E ARTESANIA

Apesar de possuir uma atitude artesanal, o trabalho se cumpre em função de uma ideia de tempo que ampara este fazer cego. Olhar tátil. A linha cronológica não importa. Tanto faz. É constitutivo do ato de costurar, continuar e interromper. Tanto faz. É imperativo fazer.

Edith Derdyk, 2010

A Arte Contemporânea tem provocado e mobilizado as pessoas, apresentando questões que se vinculam a problematizações éticas, estéticas e políticas de nosso tempo. É comum observarmos certa resiliência do público com a arte contemporânea em face do estranhamento causado pelas produções que rompem com modos historicamente produzidos e apresenta outras possibilidades de criação e relação entre arte e vida. Como cita Fernando Cocchiarale (2006, p. 14)

O que está em questão é a busca ansiosa pela explicação verbal de obras reais e concretas, como se sem a palavra fosse-nos impossível entendê-las. A explicação assassina a fruição estética, já que ao reduzir a obra a uma explicação mata sua riqueza polissêmica e ambígua, direcionando-a num sentido unívoco.

Parto do princípio que a arte contemporânea pode abrir portas a nós professores, fazendo com que possamos criar novas maneiras de apresentar a arte aos alunos, inclusive deslocando seu conceito de uma arte clássica, europeia, para uma produção de nosso tempo e que vê no cotidiano possibilidades para criação e invenção.

De acordo com Cocchiarale (2006, p.16) a arte contemporânea

Passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte. Se a arte contemporânea dá medo é por ser abrangente demais e muito próxima à vida.

Com o advento da comunicação em massa via redes sociais, as pessoas muitas vezes recebem vídeos e fotos de exposições e ficam chocadas com o que veem, mas se esquecem que por trás disso existe um contexto, um valor estético, artístico e político. Acredito ser de suma importância conhecermos um pouco mais sobre a arte contemporânea e as possibilidades que ela nos oferece para fazer a diferença diante de tantas aulas já saturadas de propostas presas a um fazer

desconectado do pensamento crítico, conforme a história do ensino da arte nos aponta.

As transformações da arte contemporânea vêm reaproximando a arte dos objetos do nosso cotidiano. É comum vermos produções com objetos até então sem reconhecimento artístico numa instância de arte, como, por exemplo, a obra efêmera “Antes de um braço quebrado” de Marcel Duchamp (Imagem 16). Esta produção de Duchamp, traz o conceito em si da obra e não a beleza estética.

O artesanato, por exemplo, ganha espaço dentro das produções artísticas como já vimos anteriormente nas obras de Joana Vasconcelos (Imagens 1 e 2) por exemplo (p. 13 e 14).

Anita Prado Koneski (2007) destaca o estranhamento que as pessoas estabelecem com a arte contemporânea, pois antigamente as pessoas tinham a arte como um caráter divino, do belo e a arte contemporânea rompeu com muitos desses cânones. A autora destaca ainda que “estamos na contemporaneidade diante de uma arte que se propõe ao extremo a uma desrazão que se comunica pela fala da transgressão” (p.81)

Atualmente sabemos que vivemos a contemporaneidade e precisamos nos abrir as novas experiências, novos conhecimentos ter uma mente aberta a novas possibilidades para a arte. A arte é criatividade, é imaginação, é transformar processos em criação. A contemporaneidade deslocou os cânones da arte conferindo aos objetos já presentes no cotidiano novos conceitos.

Muitos artistas têm usado o artesanato em suas obras, trazendo diversas possibilidades, fazendo com que os objetos cotidianos entrem em suas produções de forma que a arte e a vida estejam sempre ligadas, por isso acredito que devemos valorizar as novas formas estéticas que estão em nosso mundo.



Imagem 16 - “Antes de um braço quebrado” de Marcel Duchamp

Fonte: <http://slideplayer.com.br/slide/56021>

O primeiro grande entrave no caminho a arte parece ser, ainda, a dicotomia arte *versus* artesanato. Dicotomia antiga, porém, que ata os pés da arte e

não a deixa caminhar para frente, e a “frente” é a valorização das diferentes formas estéticas existentes no mundo. (RODRIGUES, 2012, p. 86)

Se pararmos para refletir, temos muitas possibilidades de se fazer arte, e deixar o artesanato contaminá-la é umas dessas muitas possibilidades.

O “novo”, entendido aqui como produção estética do “outro”, começa a ter uma visibilidade gigantesca com a utilização em massa da internet. Assim, fechar-se para este “novo” significa empobrecer a história da arte de conceitos instigantemente novos, experiências estimulantes e descobertas marcantes. (RODRIGUES, 2012, p. 86)

Estamos falando tanto de artesanato. Mas, o que é o artesanato? Qual seu conceito? Segundo Dantas (2018):

O artesanato é uma técnica manual utilizada para produzir objetos feitos a partir de matéria-prima natural. Tal técnica é praticada desde o período antigo, denominado Neolítico, quando poliam pedras para fabricar armas e objetos de caça e pesca, cerâmica para guardar alimentos e tecelagem para fabricar redes, roupas e colchas.

Entendo por artesanato todo objeto criado pelas mãos com um valor utilitário que ao mesmo tempo possa ser estético, e a artesanaria é esse ato de fazer criador do artesão com o objeto. Minha pesquisa busca tentar aproximar o artesanato/artesania da arte a partir de artistas que já produzem arte com esses elementos artísticos.

Diante disso, sabemos que o artesanato surgiu em nossos antepassados, cito exemplo da arte grega (Imagem 17) em que se utilizava os artefatos culturais da época como bancos, jarros, taças entre outras peças utilitárias para cobri-las com desenhos e pinturas que hoje são consideradas obras de arte. Esses artefatos culturais eram utensílios usados no dia-a-dia carregados de investimento estético muito grande.

Segundo Magalhães e Ribeiro (2013) artefatos culturais são resultados de um processo de construção social, formadas por personificações desenvolvidas a



Imagem 17 - Cerâmica Grega

Fonte:

<http://estudandoarte.blogspot.com/2011/04/arte-grega-pintura.html>

partir de significados que transitam na cultura. Sendo assim, entendemos que artefatos culturais são instrumentos culturais criados pelo sujeito de acordo com a sua cultura. As artesanias surgem desses artefatos culturais como o bordado, as rendadeiras, pintura em tecido, tricô, crochê, entre outras.

O conceito de artesanato citado acima faz ligações desses objetos utilitários com o cotidiano e como a arte está ligada a vida, e dentre tantas opções de artesanatos, em minha pesquisa faço a escolha do crochê, conforme já destacado na introdução do meu trabalho.

Diante disso, trago o conceito e a história do crochê, de acordo com o site Portal Educação (2018)⁹,

Segundo os historiadores, os trabalhos de crochê têm origem na pré-história. A arte do Crochê, como nos dias de hoje, foi desenvolvida no século 16. Um escritor dinamarquês, chamado Lis Paludan, tentou descobrir onde o Crochê se originou na Europa e fundamentou algumas teorias, sendo a mais provável a de que a técnica se originou na Arábia e chegou à Espanha pelas rotas comerciais do Mediterrâneo. Posteriormente, essas técnicas se difundiram entre tribos da América do Sul, que usavam os adornos de crochê nos rituais de puberdade. Na China, bonecas eram feitas com a mesma técnica. Porém, não se tem evidências concretas sobre exatamente onde se originou esta arte.

O artesanato vem das memórias, vem da cultura de um povo que o torna um fazer diário, ensinando seus filhos e passado de geração em geração. A cultura de um país ou de um povo é a maior riqueza que se pode ter. E o crochê faz parte dessa história, pois fez parte da minha também. Desde pequena pedia para minha avó me ensinar a fazer crochê, ela me ensinou a fazer as correntinhas de crochê. Essa cultura enraizada é maravilhosa, vou a casa da minha vó e vejo as peças de crochê feitas por minhas bisavós e tataravós. Como deixar que essa arte não seja reconhecida?

Ela fala de história, da história de vida das pessoas, ela conta algo, ela traz sentimento, ela traz sentido a uma vida. Vivemos sobre regras, e essas regras são impostas até na nossa cultura, no nosso modo de viver. Vamos fazer crochê e mostrar o sentimento, mostrar o sentido que ele tem e deixar ele ser arte, pois arte é isso é sentir, é memória, é vida. E porque não uma peça transbordando vida cheia de arte.

⁹ Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-historia-do-croche/62581>, acesso em 06/09/2018, às 14h20.

A própria história da arte nos mostra como ela vem sendo ditada pelos poderosos de cada época por onde passa. E não podemos mais compactuar com isso. Porém é um trabalho longo e que precisa de apoio para ser feito. Nós, professores de Artes, artistas, curadores, críticos de arte, entre outros, precisamos nos unir e mostrar que todo tipo de arte tem seu espaço, a arte contemporânea vem mostrando isso. Mas precisamos ter muito cuidado com ela, pois nem tudo é arte. Precisamos ver os conceitos, ver o processo, perceber e nos questionarmos sobre essa arte.

Cocchiarale diz que “é no Renascimento que a arte e o artesanato se separam, se não na escala dos valores e das ideias, ao menos na consciência e na prática dos artistas” (2006, p.19)

Esta citação de Cocchiarale, fala sobre os artistas descartarem o termo “artesanato” – que é um fazer manual – de suas obras, sendo que eles precisam desse fazer manual para suas obras, todo artista precisa do fazer manual para compor e criar suas obras. Esse distanciamento, porém, ocorreu apenas em seus dizeres e nas suas mentes, pois o artesanato está presente em suas obras.

Já Rodrigues fala que a história da arte como conhecemos hoje é um campo de estudos baseado nos preceitos europeus de beleza e de valor estético, porém, em relação ao novo não condiz mais com o mundo atual e globalizado em que vivemos. Isso quer dizer que há muito tempo o artesanato é renegado por artistas, críticos de arte e curadores. Porém muitos desses artistas precisam ter conhecimento das técnicas para poder trabalhar.

Hoje em dia, se um artista plástico não conhecer as especificidades de certos materiais, não souber trabalhar com eles e não compreender a natureza visual, simbólica e física dos mesmos ele não conseguirá tirar destes materiais todo o potencial estético que eles podem oferecer. Assim, como o artesão ancestral, um artista atual deve conhecer as possibilidades dos materiais com os quais trabalha, devendo entrar no mundo dos artesãos sem medo de classificações absurdas e sem nexos. O competente artista plástico atual artesaniza seu trabalho e enriquece sua obra por conhecer e manipular as várias possibilidades criativas dos materiais, assim como o faz explicitamente Joana Vasconcelos, os escultores José Resende (1945), Tunga (1952) e Ernesto Neto (1964), entre tantos outros artistas atuais. (RODRIGUES, 2012, p. 88)

Com o surgimento das academias de arte no século XVI e XVII, estas regularam o que era ou não compreendido por arte durante quase duzentos anos e foram elas que difundiram o modo eurocêntrico de pensar a arte. E também, a partir

do século XVI a arte se separou da manufatura e os artistas resolveram atribuir às suas produções um teor mais filosófico, assim a artesanaria deixou de ser arte porque perdeu o apoio das instituições artísticas da época. Essa perda de apoio das instituições artísticas mostram o quanto a artesanaria sofre até hoje para ser reconhecida como arte, pois na realidade nunca deixou de ser arte.

Mas para pintarmos um quadro precisamos fazer estudos com desenhos, esboços, testar os materiais que iremos utilizar e isso não é diferente no artesanato. Precisamos exercer nosso lado criativo tanto quanto Da Vinci para pintar a Monalisa, por exemplo. Não é porque estamos trabalhando com o artesanato que não precisamos pensar, testar, esboçar aquilo que estamos criando. E além de tudo isso ter um significado como cita Vanessa Freitag (2015, p. 168)

[...], parto da ideia de que artesãos e artistas compartilham duas esferas importantes no seu processo criativo: a primeira, tem a ver com o aprendizado manual, ou seja, com o domínio e aperfeiçoamento de uma técnica e linguagem particular, seja ela qual for: cerâmica, trançagem, pintura, escultura, entre outras. E a segunda, estreitamente relacionada com a primeira, tem a ver com a intenção, o sentido e o significado daquilo que produzem. Portanto, penso que tanto artistas como artesãos realizam uma atividade de cunho estético e criativo.

Segundo Rodrigues (2012) o utilitário e o estético¹⁰ andam juntos nas artesanias, podendo ele ser utilitário e ainda sim ser estético. Como nos trabalhos dos indígenas, por exemplo, em que muitas peças em cerâmica, que para muitos críticos de arte, curadores, artistas, entre outros têm valor artístico e são vistas como arte. Sendo assim podemos afirmar que o que é utilitário pode sim ser um objeto artístico.

Uma peça de crochê pode ser utilitária e estética ao mesmo tempo, trazendo um sentido artístico a ela. Utilitária, pois, eu posso utilizá-la tanto como vestuário ou como um objeto que uso no meu dia-a-dia como a artista Anu Tuominen¹¹ que se inspirou em pegadores de panela para criar essa obra incrível (Imagem 18). E ela pode ser estética pois ela é carregada de sentimentos, ela tem

¹⁰ Compreendo a estética nessa pesquisa como um campo filosófico com o intuito de investigar as questões relacionadas ao belo e as bases da arte. Procura compreender as emoções, ideias e juízos que são despertados ao se observar e fruir uma obra de arte. Fonte: <https://www.infoescola.com/artes/estetica/>, acesso em 07/09/2018 às 17h10.

¹¹ Anu Tuominen é uma artista finlandesa que nasceu em 1961. Anu Tuominen teve várias exposições de galerias e museus, incluindo no Contemporary de Helsínquia e no Kiasma, Museu de Arte Contemporânea. Fonte: <https://www.mutualart.com/Artist/Anu-Tuominen/6632BC4D27C3F9C0#more>, acesso em 11/09/2018 às 16:10.

forma, cor, textura, ato de criar, ato de entrelaçar essas linhas, e por si só trabalha com linhas, um objeto importante do desenho, que serve para fazer crochê e com ele criar objetos artísticos.

“Tuominen olha o mundo com uma mente aberta. Ela vê a beleza no que os outros veriam como lixo” (SACCARO, 2012)



Imagem 18 - Real Color Circles, Turku 2010 (Detetives de Pannels de Negócios de Pulgas) de Anu Tuominen

Fonte: <http://www.saccaro.com.br/blog/tag/anu-tuominen/>

Sabemos da liberdade que a Arte Contemporânea nos dá, mas precisamos ter cautela com o que é ou não é arte. Precisamos saber fundamentar nossas explicações e ter um bom repertório cultural. Diante disso, pode ser que nem toda peça de crochê tenha um valor artístico, mas sim o sentimento que essa peça carrega e os desafios que ela pode proporcionar ao aluno.

3 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: A CONSTRUÇÃO DO SER SENSÍVEL

A única certeza que seguro nas mãos é a linha que costuro, que me liga umbilicalmente ao mundo. Aprimorar a ótica tátil. Olho que mergulha o mundo com corpo todo.

Edith Derdyk, 2010

Olhe ao seu redor e tente perceber tudo que tem nele, os mínimos detalhes, o que você vê? O que você ouve? O que você sente? Qual a sensação te passa? Descreva-os em um papel. Vá para o cômodo mais próximo de você neste momento, e se permita novamente a olhar ao seu redor e perceber tudo que tem nele, não se esqueça dos detalhes... O que você ouve? O que você sente? Qual a sensação te passa? Agora vá para a rua. Olhe ao seu redor e perceba tudo que tem nela, não se esqueça dos mínimos detalhes, o que você ouve? O que você sente? O que você vê? O que esteve lá o tempo todo e você nunca percebeu? O que esse objeto, que esteve lá esse tempo todo e você nunca percebeu te faz sentir?

A partir dessa experiência, gostaria que você, leitor, refletisse, pensasse sobre tudo aquilo que está ao nosso redor o tempo todo e muitas vezes não nos damos conta de que sempre esteve ali. Aquilo que muitas vezes parece ser insignificante pode passar a ter um significado na nossa vida e começamos a dar mais valor às coisas que estão ao nosso redor.

Isso se chama experiência, e que nessa pesquisa remeto-me ao termo “experiência estética”, e acontece a partir do momento que você se deixa passar, tocar, sentir, entender aquilo que você está presenciando. E de que maneira podemos deixar nossos alunos terem esse contato com a experiência estética construindo o ser sensível que nele habita? Como podemos ajudar nossos alunos a serem livres para sentir? Isso é possível? Precisamos promover experiências de apreciação estética. E para que isso ocorra, é necessário também auxiliá-los no processo, mostrando de que maneira isso é possível.

Segundo Pilotto (2007), os professores podem adotar métodos para educar e educar-se, pelo sensível, pois há troca de experiências entre professor e aluno, destacando pontos que favorecem esta educação como a intuição, emoção, criação, percepção e sensibilidade, esta última a mais importante.

Mostrar aos alunos que por meio desses disparadores ele pode ter um contato com a experiência estética. Acredito que a aula de Artes necessita ser significativa ao aluno, que o faça pensar, suspender verdades, olhar de outros modos aquilo que está habituado a ver. Sabemos que a arte existe porque apenas a vida não basta, precisamos criar, imaginar, ter a capacidade de se emocionar. E sim, a arte pode despertar todos esses sentimentos. O que seria da vida sem a arte?

A contemporaneidade propõe diferentes concepções de ensinar e aprender no campo da educação, no entanto, segundo Pilotto (2007, p. 114) “[...] ainda continua priorizando em suas práticas um ensino e aprendizagem voltada ao pensamento linear, disciplinar e consequentemente fragmentado”.

Precisamos ouvir, ver e sentir nossos alunos, trazendo para a sala de aula conteúdos que os fazem refletir sobre a sua própria vida, e sobre o que está ao seu redor. O que eles veem todos os dias no seu caminho até escola? O que sempre esteve lá e nunca perceberam? De que maneira podemos fazer esse aluno refletir sobre isso? Que tal convidá-los a viver essa experiência, leve a turma a um passeio pelos corredores da escola, faça com que olhem ao seu redor, instigue-os a ter essa leitura: “escutem os pássaros!”, “vejam os colegas correndo na quadra, o que eles estão fazendo? Eles estão felizes?”, “aquela árvore linda que tem no pátio”, “o que tem ao redor da nossa escola?” Coisas que até mesmo nós, professores, temos dificuldade de perceber. Acredito que essa experiência dará uma ótima atividade para com a turma.

Em minhas pesquisas/leituras para este capítulo encontrei o artigo “Segredos do Coração: a escola como espaço para o olhar sensível” da Professora Doutora Rosvita Kolb-Bernardes, onde fala que a escola pode ser um “espaço-lugar que permite a construção de um olhar sensível para as histórias de cada um e para a memória coletiva.” (2010, p. 72)

Quando o professor propõe ao aluno para que ele fale de si por meio da arte, o aluno percebe o significado que a vida dele tem, e quando ele compartilha em sala de aula entende que cada um tem suas individualidades e experiências. Pode compreender ainda que o professor está ali por eles e para eles, e que se importa com o que eles vivem. E a partir do momento que o aluno se dá conta que a escola é um ambiente seguro para reflexões, também se sente seguro para falar sobre si e sobre suas inseguranças e inquietações por meio da arte, conforme cita Kolb-Bernardes (2010, p. 82)

Propor um trabalho de criação, a partir de diferentes culturas, possibilita-nos construir um ensino de arte que dialoga com a diversidade presente em nossa realidade, além de permitir que as diferentes experiências e histórias vividas entrem para a escola, invadam nossas salas de aula e tomem conta de nós, o que cria outra dimensão e disposição para a aprendizagem.

Nós professores temos a oportunidade de criar novas experiências a partir das já vividas por nossos alunos, as possibilidades são infinitas para com a arte. E cada aluno pode colocar a sua experiência na produção, assim os alunos conhecem mais uns aos outros e também aumentam seu repertório cultural em um processo colaborativo. Essa troca de experiências torna todo o processo muito mais significativo para o professor e para o aluno.

Segundo Pilotto (2007, p. 115), “[...] é possível entender a criação como uma abertura permanente de entrada de sensações.” Sendo assim, o ato de criar tem uma grande importância, pois este está diretamente ligado a sensibilidade e a nossas experiências do dia-a-dia.

Para Jorge Larrosa (2002) para termos um contato com a experiência precisamos separá-la da informação, sendo cada vez mais rara por excesso de opinião e falta de tempo das pessoas. As pessoas precisam parar para que percebam e sintam o que está ao redor delas, como sugerido no início desse capítulo, e para cada pessoa a experiência se dá de diferentes formas

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (LARROSA, 2002, p. 27)

Podemos ter contato com a experiência estética por muitas maneiras e podemos proporcionar esse contato com as crianças e adolescentes em sala de aula. A experiência é algo que nos atravessa e nos modifica, acontece, e entendemos a arte como potência para provocar esses atravessamentos.

Nesta pesquisa escolho as vivências realizadas com o Estágio III intercambiadas pelo meu fazer criativo com o crochê, como uma experiência que me modificou, e ousaria dizer, esta experiência atravessou os alunos que dela participaram, seguramente é possível afirmar que algo se modificou, houve uma experiência estética, uma ação política.

Se a escola em que você estuda/estudava te permitisse sentir o que tem dentro dela, aquilo que está lá que raras vezes percebemos, a enxergaríamos com outros olhos. Há espaços de criação no interior das escolas. Acredito que para além do espaço de construção e ressignificação do conhecimento, é também lugar de afeto, de geração de experiências. A construção do ser sensível pode modificar o aluno, e fazer com que ele se sinta diferente.

Loponte diz que precisamos urgentemente pensar na educação em uma formação pelo sensível

[...] tudo isso que chamamos de *formação estética* pode, na verdade, apontar para várias metodologias de formação docente e indicar distintos caminhos teóricos. Percebemos que, sobretudo, adjetivar a formação com a palavra *estética* está em geral associada a certo ideal de beleza que herdamos há muito tempo, desde os primeiros usos do termo. [...] Poderíamos, assim, reivindicar a libertação da palavra *estética* da beleza, em direção à experiência desencadeada com os novos modos de produzir e olhar a partir da arte, que podem incluir até as nossas pequenezas cotidianas e (por que não?) práticas pedagógicas? [...] Do mesmo modo, se ambicionamos algum tipo de formação colada ao que entendemos por *estética*, é preciso, mais que nunca, que nos desapeguemos das pretensões universais de beleza e sensibilidade e estejamos atentos à arte que é mais próxima da complexidade e da dissonância do tempo em que vivemos. (2017, p. 448).

Precisamos transformar a educação, e essa transformação inicia em nós professores. Sei que muitos estão desmotivados, mas acredito que é possível nos reinventarmos. Para educar e educar-se por meio do sensível não é algo difícil de se fazer, porém precisamos nos permitir a enxergar o outro, para assim podermos fazer com que a escola seja um lugar de acolhimento e que os alunos sintam-se acolhidos e seguros para contar seus sonhos, sua imaginação, medos e anseios.

Sabemos da importância do ensino da arte, e sabemos também, que por meio dela podemos auxiliar na formação de seres críticos e pensantes. A produção de arte contemporânea é um exemplo nessa formação, ela habita o tempo presente, o questiona, e por meio dela podemos ter experiências que nos modificam.

[...] o aprendizado se constitui em real significado quando delegamos esforços na construção reflexiva do conhecimento. Nesse sentido, o passado não se configura como algo estático, é tão dinâmico quanto o presente, faz parte, interage com ele, é também presente, conferindo novas significações ao contexto contemporâneo. (PILOTTO, 2008, p. 37)

Estamos sempre pensando no passado e no futuro e esquecemos do agora, e quando vivemos o agora é quando nos abrimos ao contato com a experiência estética trazendo nossas lembranças e anseios. Faço um convite: vamos nos abrir mais e nos deixarmos tocar por tudo que está ao nosso redor. Pelo canto do passarinho, pelo barulho do rio que passa do lado da sua casa, enfim, deixe-se tocar por tudo. E vamos juntos construir seres sensíveis e abertos a experiência. Para esse exercício proponho discorrer nas próximas páginas sobre uma experiência desenvolvida na disciplina de Estágio III do Curso de Artes Visuais.

4 A LINHA DO CROCHÊ: UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Costuro para ser. Não costuro para conquistar as formas. Já que a costura para nada, só para ela mesma, que me sirva pelo menos para aprender a viver.

Edith Derdyk, 2010

Conforme já destacado nos capítulos anteriores, desde quando iniciei o Curso de Artes Visuais – Licenciatura, tinha o desejo de associar o fazer do crochê em consonância com produções de Arte Contemporânea dentro da sala de aula. A melhor oportunidade para isso até a minha formação na graduação, seriam os estágios, uma vez que eles são oportunidades de aproximar prática e teoria com supervisão direta do professor de Artes da escola e da Universidade. Os estágios obrigatórios ocorrem no segundo ciclo do curso e acontecem na seguinte sequência: o Estágio I na 5ª fase e abrange a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. O Estágio II ocorre na 6ª fase e abrange o Ensino Fundamental II. O Estágio III ocorre na 7ª fase e abrange o Ensino Médio. Já o Estágio IV ocorre na 8ª fase e acontece em Espaços Não Formais totalizando as 400h exigidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores.

No estágio II a professora da turma pediu para que eu trabalhasse o crochê com o grupo, porém nas aulas de observação com uma turma do 8º ano, percebi que ainda não estávamos preparados, alunos e eu, para um projeto dessa natureza.

Durante a disciplina Estágio III estava decidida a trabalhar com o crochê. Logo no início da disciplina conversei com a minha orientadora do estágio, expliquei minha vontade de trabalhar o crochê e ela me deu total apoio. O primeiro passo dado foi o de encontrar uma turma de ensino médio aberta a esse tipo de intervenção e com um professor de Artes que permitisse a realização da proposta. Fui até a Escola de Educação Básica Toneza Cascaes, localizada no centro da cidade de Orleans/SC, escola em que estudei metade da minha formação escolar. Após conversa com equipe diretiva e a professora de Artes da escola, Aracely da Silva, contei sobre a ideia de projeto e juntas definimos a turma em que realizaria a proposta

Após a apresentação da proposta à turma iniciei as aulas de observação e aos poucos fomos construindo uma relação de proximidade, alunos, professora e

eu. O grupo era tranquilo e comprometido, a maior parte dos alunos apresentavam-se tímida e isso me deixava preocupada, em especial pela temática da proposta que havia elegido para a experiência de estágio.

Em paralelo ao Estágio III estava cursando a disciplina de Projeto de Pesquisa em Arte – PPA, minha orientadora do PPA vivia me alertando que meu projeto do estágio poderia não dar certo, ela tinha razão, poderia mesmo dar tudo errado e os objetivos não serem alcançados e isso me deixava bastante insegura com vontade de desistir de tudo, mas com leituras, reflexões e estudos, continuei no propósito do projeto.

Em pesquisas aprofundadas, encontrei artistas que trabalhavam com propostas de arte contemporânea envolvendo o crochê. Somado as minhas pesquisas, as trocas acadêmicas com colegas de curso, foram dando corpo a uma teia de fundamentação teórica que sustentou as ações práticas previstas na proposta.

Iniciei a tessitura do projeto e preciso destacar que foi uma das escritas mais complexas que experienciei. Após ensaios, leituras e orientações cheguei a minha questão problema: Quais as possibilidades de se ter uma experiência estética, trabalhando o crochê em sala de aula com os alunos do ensino médio? Mas, por que o crochê? O ato de fazer crochê é divertido, tranquilizante e também estimula o desenvolvimento das pessoas. Tem uma grande influência criativa e estimula a concentração. E isso é um incentivo ao lado criativo do cérebro, além disso faz com que o indivíduo solte a imaginação e seja motivado a criar. Penso ser necessário citar o quanto é importante na prevenção de doenças e diminui a ansiedade como cita a artesã e artista Simone Eleotério (apud PRECIOSO, 2018) “Criar algo com as próprias mãos é a possibilidade de se expressar. É também uma maneira de aumentar a concentração e, assim, conservar as atividades cerebrais a todo vapor, nos mantendo longe de males como depressão e Alzheimer”.

Embora minha pesquisa não tenha pretensão de adentrar o campo da Arteterapia, é importante ressaltar as aproximações da arte, do ato criador e da

Relato de Experiência do Aluno Luiz Felipe Koch.

Aprender a confeccionar a arte do crochê foi uma experiência muito inovadora, eu particularmente adorei e agradeço a professora Maiara por nos passar isso.

possibilidade de pensar o processo terapêutico associado a práticas artísticas, questões que demandariam outra pesquisa.

Do mesmo modo, precisamos saber também que a técnica crochê é inserida como arte em muitas produções artísticas na contemporaneidade conforme observamos nos artistas Agata Olek (Imagem 14), Karen Dolorez (Imagem 15) e Toshiko Horiuchi (Imagens 3 e 4).

A arte faz com que o aluno estimule e desenvolva sua imaginação, trazendo sensibilidade e reflexões às suas produções, não apenas nos trabalhos produzidos pela disciplina, mas em sua própria vida, pois ela desloca nosso olhar e faz com que possamos produzir pensamento. Como traz os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1997, p. 19):

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Meu desejo enquanto futura professora de Artes é que os alunos sejam mobilizados a movimentos de experiência estética em que nós professores sejamos propositores de situações que estimulem o desenvolvimento da capacidade criadora e do ser sensível.

Nessa pesquisa compreendo o ato de fazer crochê associado a práticas artísticas como disparador de experiências que modifiquem o sujeito. Desde muito pequenos já temos experiências em nossas vidas, porém essas experiências podem se dar de muitas maneiras, mas sobretudo que sejam potente, que nos modifique,

Relato de Experiência da Aluna Luana Baggio.

As aulas com a professora Maiara foram agradáveis, foi muito importante conhecer um pouco mais sobre a importância do crochê. Sabendo que é uma arte pouco conhecida a qual é deixada de lado por nós jovens da sociedade atual, ela (Maiara) veio com o intuito de nos mostrar que é bom saber um pouco mais sobre linhas e agulhas a que podemos formar várias roupas e até mesmo o trabalho que construímos em sala de aula. Foi trabalhoso, confesso, mas o resultado final foi impressionante. Amei conhecer a Maiara e poder ter essa experiência.

envolva, transforme. A proposta realizada durante a disciplina de Estágio III desencadeou uma experiência estética aos alunos, fez com que eles se sentissem sensíveis, abertos ao diálogo, a reflexão. Esse ato de estar altamente concentrado em fazer crochê e o ato de entrelaçar as linhas, cores e formas foi algo que atravessou, aconteceu, em direção da definição de Jorge Larrosa para pensar experiência

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (2002, p. 24)



Imagem 19 - Alunos interagindo após a experiência com a obra "Caminhando" de Lygia Clark
Fonte: Arquivo Pessoal.

A partir do momento que alunos e professores deixarem-se tocar e sentir arriscaria sugerir que teriam um contato com a experiência estética. E eu quero proporcionar isso aos alunos. Instigá-los a se deixar permitir a sentir o mundo ao seu redor. Com o projeto finalizado e aprovado iniciou-se então a atuação com a turma. O primeiro dia de atuação aconteceu no dia 08 de maio de

2018. A aula iniciou com minha apresentação falando um pouco sobre como seria o projeto, os artistas contemplados e o desdobramento de nossas ações. Abrimos uma roda de conversa com os alunos, perguntando quais as impressões deles sobre a produção das artistas? Curiosidades e dúvidas. Após essa aula entendi que *apesar de serem calados e não interagirem tanto durante a aula*, senti que eles estavam muito envolvidos com os trabalhos das artistas, isso me deixou muito ansiosa com a sequência das aulas que viriam.

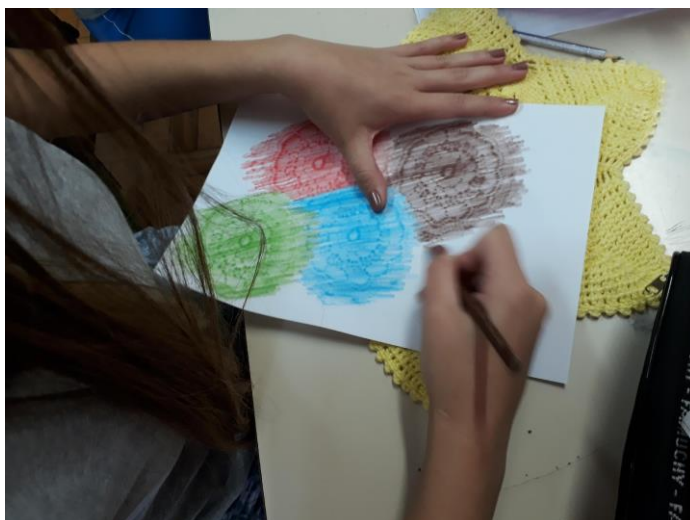


Imagem 20 - Alunos fazendo a experimentação com a frottage.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagem 21 - Alunos fazendo a experimentação com o desenho de observação.

Fonte: Arquivo Pessoal.

O segundo dia de atuação aconteceu no dia 09 de maio de 2018, quando retomei as artistas que tínhamos visto na aula anterior evidenciando Lygia Clark, com sua obra “Caminhando”, já evidenciada anteriormente neste trabalho (Imagem 12). Apresentei um vídeo sobre a produção da artista em que mostra como é a obra e qual o sentido da mesma, seguindo de um exercício prático com o grupo. Eles ficaram muito empolgados com o feito e andavam pela sala sorrindo e mostrando o resultado aos colegas (Imagem 19). Após a experimentação, falei sobre arte conceitual mostrando a obra de Marcel Duchamp, “Antes de um braço quebrado”, (Imagem 16). Finalizei a aula pedindo para que os alunos trouxessem na próxima aula alguma peça de crochê de casa, feita por algum familiar ou por eles mesmo, para que pudéssemos ter contato com a memória, com esse fazer cultural da família, peças que normalmente são envoltas por um significado simbólico.

O terceiro dia de atuação aconteceu no dia 14 de maio de 2018, quando retomei o que tínhamos visto nas aulas anteriores, e perguntei se eles haviam trazido as peças de crochê. Apenas quatro alunos levaram as peças em crochê, sendo assim aproveitei e já fiz a divisão dos grupos para o trabalho final que eles iriam fazer. Trouxe aos alunos a questão de memória e afetividade, perguntando o que essa peça de crochê representava a eles, porém muito envergonhados não falaram tão abertamente, então pedi para que refletissem e sentissem isso enquanto faziam a atividade.

Expliquei que eles iriam pegar esta peça de crochê e decidir se iriam fazer um desenho de observação se inspirando no desenho da peça ou se iriam fazer

frottage (Imagens 20 e 21). Assim o fizeram, e os desenhos ficaram incríveis. Era gratificante ouvir eles falarem de como o desenho que a peça de crochê possuía ficava marcado na folha de papel.



Imagem 22 - Graduada auxiliando a aluna na confecção do crochê.
Fonte: Arquivo Pessoal.

coloquei todo o material na mesa (barbantes, fios, agulhas de crochê). Expliquei como seria nosso trabalho final, cada grupo poderia escolher um tema de sua preferência, algo em que eles acreditassem ou defendessem e mobilizados pelas produções dos artistas fazer correntinhas, ponto básico do crochê, inserindo seus desenhos ou frases e a partir daí deixei que eles conversassem e decidissem o tema e se iriam fazer instalação ou intervenção.

Alguns queriam alertar sobre a saúde, outros sobre o racismo e a identidade cultural, ou sobre a violência, sobre o amor e conscientizar as pessoas em ajudar o próximo. Entendi que apesar de serem bem tímidos,

Relato de Experiência do Aluno José Vitor L. Durigon.

Quando eu comecei a fazer crochê percebi que quando a pessoa fica focada no crochê a gente não percebe o tempo passar, 45 minutos, passavam tão rápido, que não dava tempo de pensar em outras coisas, foi um momento top.

O quarto dia de atuação aconteceu no dia 15 de maio de 2018, chegando na sala



Imagem 23 - Alunos trabalhando em seus projetos, todos muito concentrados.

Fonte: Arquivo Pessoal.

eram adolescentes com um senso crítico muito forte. A partir de então pedi para que fizessem um esboço de como fariam o desenho e quais cores de barbantes iriam utilizar para que eu pudesse ver quais eu teria em casa e quais eu precisaria comprar, mas o objetivo do projeto era usar restos de fios, então, por fim, adaptamos para que fossem usados apenas as sobras de fios. Após essa escolha, cada um escolheu o barbante e a agulha a ser usado com meu auxílio, assim mostrei aos alunos como fazer as correntinhas de crochê. Fui individualmente em cada aluno, aqueles que já sabiam fazer, pedi para que ajudassem um colega que ainda não sabia (Imagem 22). Neste dia a empolgação dos alunos com agulha e barbante na mão era algo surreal para mim, pois nunca imaginei que eles iriam se dedicar tanto ao fazer artístico. Eles faziam com muito gosto, principalmente os meninos eles me pediam ajuda, eles tinham sede de aprender, me emociono lembrando do dia.



Imagem 24 - Alunos trabalhando em seus projetos, confeccionando as correntinhas de crochê.
Fonte: Arquivo Pessoal.

O quinto dia de atuação aconteceu no dia 21 de maio de 2018, nesta aula levei todo o material conforme pedido pelos grupos para o início dos trabalhos, os alunos já com seus projetos em mãos, elegeram o suporte para a intervenção. Enquanto uma parte dos grupos fazia as correntinhas de crochê a outra parte passavam os desenhos para o papel pardo, como um molde para poder colar as correntinhas (Imagem 23). A todo

momento estava auxiliando os alunos no fazer crochê, e ajudando os projetos maiores a fazer as correntinhas, pois como eles não tinham prática levavam bastante tempo fazendo. Neste dia aconteceu algo que me impressionou muito e foi nesse momento que tive um insight e que vi potência de pesquisa nessa ação. Pois o sinal bateu e os alunos ainda nem tinham guardado o material, apesar de eu muito pedir, eles pediam mais um pouquinho, a professora da próxima aula entrou na sala de aula e eles ainda estavam lá com o crochê. Me impressionei com o empenho e dedicação dos mesmos. E foi então que eu percebi que estavam totalmente envolvidos com a proposta e que estavam amando fazê-la, e sim eles estavam tendo um contato com a experiência estética.

O sexto dia de atuação aconteceu no dia 22 de maio de 2018, nesta aula tivemos a visita no campo de estágio da professora orientadora Silemar Maria de Medeiros da Silva, a mesma fez uma fala com os alunos sobre o estágio e sobre a importância dele para o aluno da graduação e ficou conosco na aula interagindo com os alunos. Os alunos já estavam fazendo bem o crochê sozinhos, então eu auxiliei os que tinham mais dificuldade (Imagem 24).

Nesta aula eles produziram as correntinhas de crochê e começaram as colagens no papel pardo. Algumas alunas pediram para levar o barbante e agulha para fazer as correntinhas em casa. Um dos grupos resolveu fazer uma instalação então levei a cola quente e arame galvanizado para que eles pudessem fazer suas produções. A concentração e dedicação dos alunos foi muito grande, que nem víamos o tempo passar, nossa convivência foi se tornando cada vez mais prazerosa.

O sétimo dia de atuação ocorreu no dia 11 de junho de 2018, neste dia os alunos estavam preocupados, pois não iriam dar conta de terminar o projeto dentro do prazo então eu os acalmei, e ajudei quem estava muito atrasado em suas produções. Assim esta aula ficou dedicada a apenas produção. A cada aula eu me impressionava mais e mais com o empenho e dedicação dos alunos, vendo o prazer que eles tinham em fazer o projeto. (Imagem 25)



Imagem 25 - Alunos colando as correntinhas no molde.
Fonte: Arquivo Pessoal.

O oitavo dia de atuação ocorreu no dia 12 de junho de 2018, este seria o último dia de atuação, mas devido ao tamanho do projeto decidi prorrogar mais um encontro para que pudéssemos socializar os projetos (Imagem 26). Então como não daria tempo em sala de aula, pedi para que os alunos fizessem em casa um pequeno relato falando sobre o que acharam das aulas, o que tinha mudado para eles depois desse projeto, ou seja, para que eles colocassem no papel tudo o que eles tinham absorvido com a proposta do projeto.



Imagem 26 - Aluna finalizando a produção.
Fonte: Arquivo Pessoal.

O nono dia de atuação ocorreu no dia 18 de junho de 2018, neste dia os alunos me entregaram os relatos sobre o projeto e colocaram os trabalhos em exposição e cada grupo falou sobre seu trabalho, explicando os motivos da escolha dos temas e o que eles queriam passar com seus trabalhos, fiquei emocionada com as palavras relacionadas aos trabalhos. Os relatos dos alunos

foram incríveis, eles realmente entenderam o que o projeto se propunha e o objetivo foi alcançado. Eles tiveram um contato com a experiência estética.



Imagem 27 - Instalação para conscientizar as pessoas a ajudarem o próximo com a campanha do agasalho. Crochê sobre arame galvanizado.
Fonte: Arquivo Pessoal.

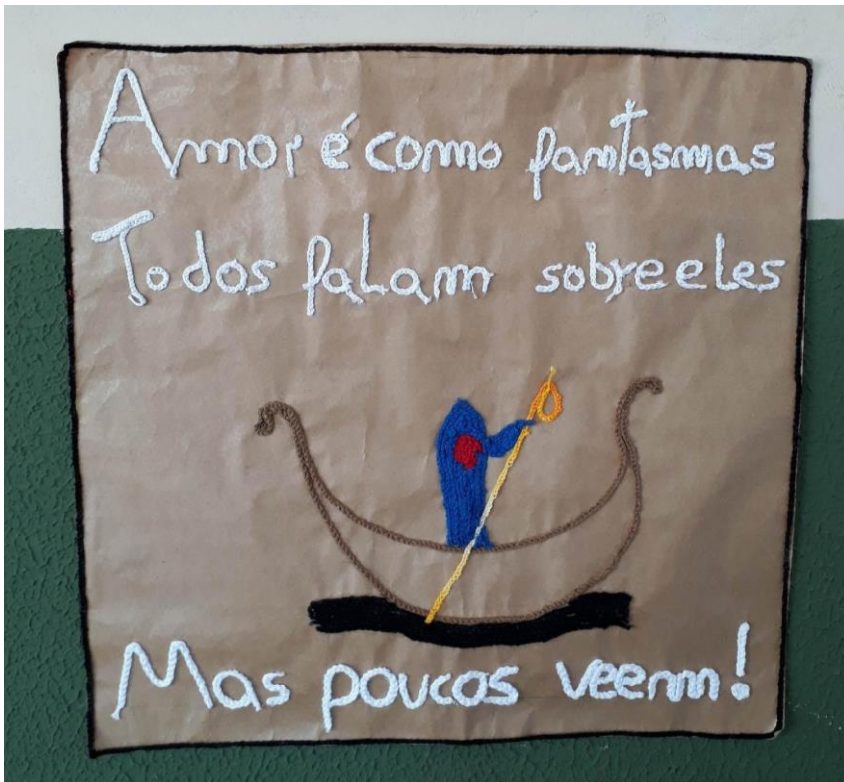


Imagem 28 - Intervenção sobre o amor.
Fonte: Arquivo Pessoal.

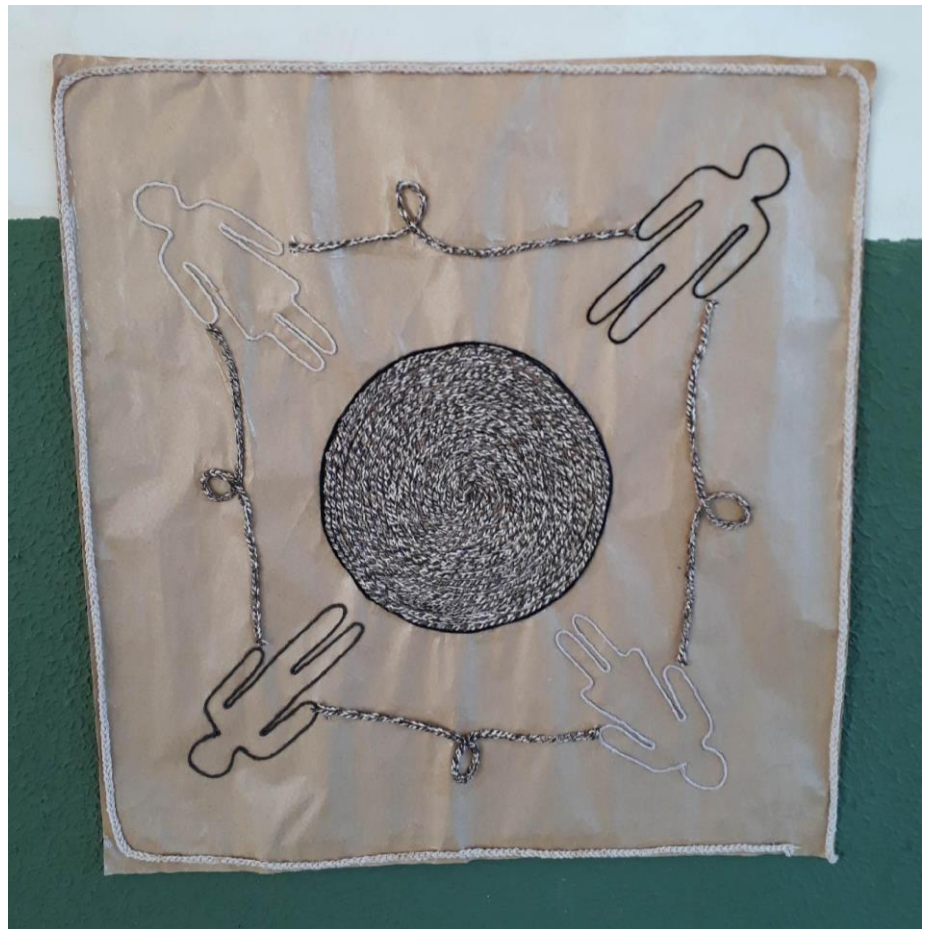


Imagem 29 - Intervenção para conscientizar as pessoas sobre o racismo e diversidade cultural.
Fonte: Arquivo Pessoal.

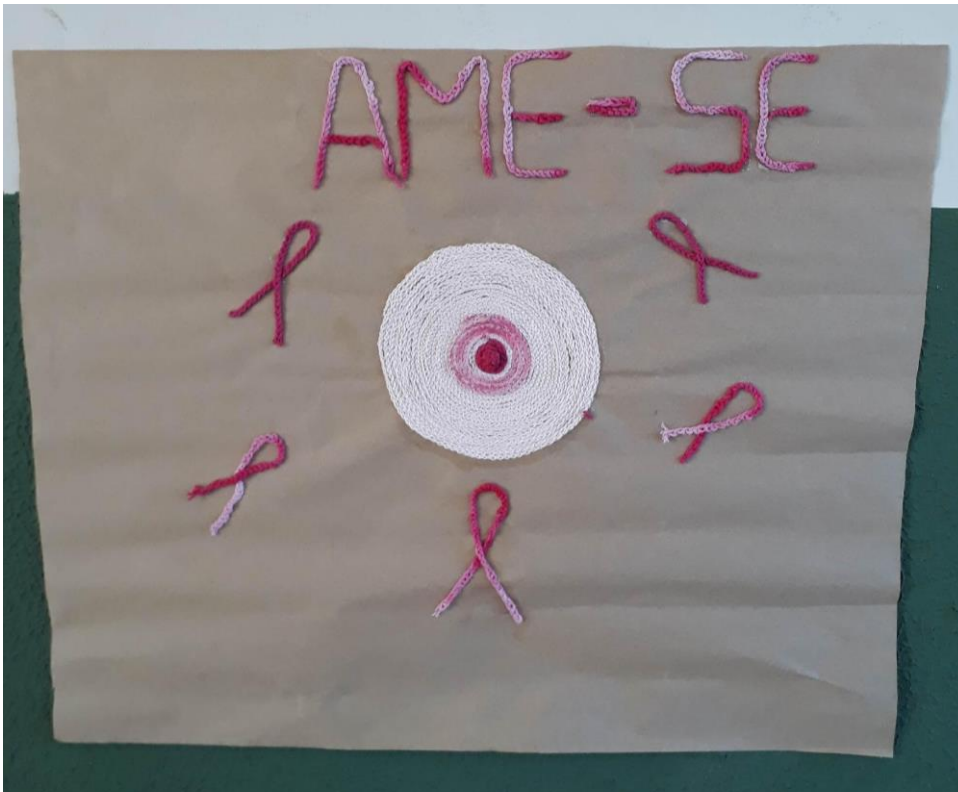


Imagem 30 - Intervenção para conscientizar as pessoas a cuidarem de si mesmas e a se amar.
Fonte: Arquivo Pessoal.

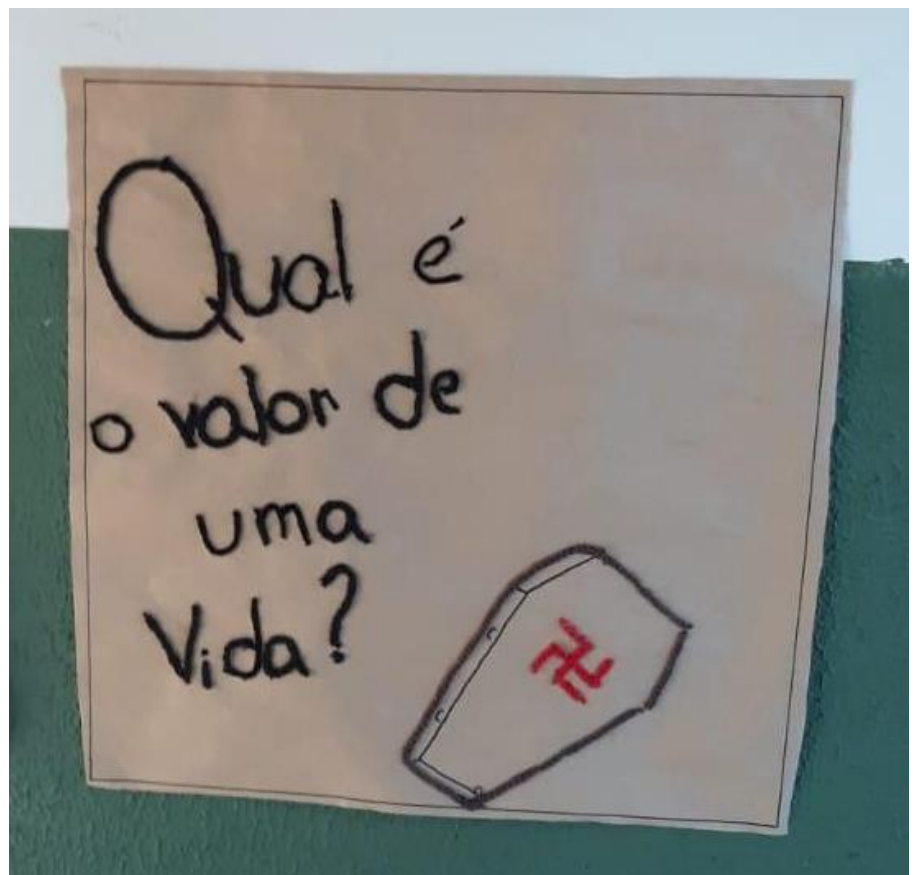


Imagem 31 - Intervenção para conscientizar as pessoas sobre o valor de uma vida. Tantas mortes sem sentido, mortas por muito pouco. As pessoas precisam pensar no valor de uma vida.
Fonte: Arquivo Pessoal.

O projeto de estágio resultou em um documentário chamado “A linha do Crochê: uma experiência estética”¹². Pelo relato aqui descrito pode-se perceber o quanto esse estágio foi significativo,

O projeto realizado pela graduanda Maiara foi muito satisfatório, evidenciando uma arte pouco reconhecida pela nossa sociedade, a qual nos proporcionou projetar um grupo e aprender sobre como o crochê é importante no meio artístico. Aprendemos a valorizar e sentir cada momento do projeto. Do que foi exposto, o empenho e a dedicação merecem a devida importância, a merecida valorização. Compreendemos que a arte do crochê vai muito além do seu valor utilitário no cotidiano, capaz de ser utilizado para retratar algo muito mais complexo e criativo. (AMANDA CESCNETO, Aluna participante da proposta do estágio III, 2018)

É pensando nessa experiência que proponho o desenvolvimento de uma proposta de formação que possibilite o contato com uma experiência com o crochê entendendo-o como possível para deslocamentos no pensar e aprender arte.

¹² Disponível em: <https://youtu.be/Z9EmIYIx9cA>

5 PROJETO DE EXTENSÃO

5.1 TEMA

Crochê como Experiência Estética para professores de Artes.

5.2 EMENTA

A experiência estética e o fazer artístico. A arte contemporânea e os artefatos culturais. A construção do ser sensível pela da experiência estética.

5.3 OBJETIVOS

5.3.1 Objetivo Geral

Contribuir na formação continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino de Orleans a partir da junção de experiência estética e crochê.

5.3.2 Objetivos Específicos

- Refletir sobre a construção do ser sensível em sala de aula;
- Investigar os caminhos para que possamos inserir o crochê em sala de aula;
- Conhecer os pontos básicos do crochê, como: correntinhas, ponto baixo, ponto alto.
- Relacionar crochê, experiência estética e arte contemporânea.

5.4 CARGA HORÁRIA

20 horas/aula: Cinco encontros de 4h/a.

5.5 PÚBLICO-ALVO

Professores de arte da Rede Municipal de Orleans/SC.

5.6 JUSTIFICATIVA

O processo de construção do ser sensível é dotado de desafios. Durante o Curso de Artes Visuais Licenciatura buscamos nos construir professores e artistas cheios de vontade de compartilhar experiências. Experiências significativas, trocas significativas com nossos professores. No estágio III me proporcionou uma experiência que se transformou neste trabalho de conclusão de curso.

Entendo como relevante compartilhar essas e outras possibilidades formativas com professores de Artes que já estão em sala de aula, no intuito de construirmos aulas de Artes ricas em trocas de experiências, sensações, sentimentos, liberdade de expressão do aluno e claro, tudo isso sendo guiado pelo professor. A experiência estética proporcionada por meio do crochê, a concentração, a linha, a cor, a forma, altamente ligado ao ato de criar. A contemporaneidade veio quebrar os cânones de beleza e estética, trazendo diversas possibilidades para que possamos criar arte e auxiliar os alunos na construção do ser sensível.

Desse modo, proponho uma semana de atividades direcionadas aos professores de Artes da rede municipal da Orleans envolvendo: oficinas, exposição e uma roda de conversa com professores convidados para o diálogo do tema. Sendo este um projeto de extensão que atende o que preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais e o regulamento do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Uma ação de extensão que encontra eco na Resolução n.06/2008 do Conselho Universitário quando destaca que é um “meio que possibilita a inserção social, constituindo-se fator de integração entre o ensino e a pesquisa, garantindo o intercâmbio de conhecimento entre a Universidade e a Sociedade”¹³.

O intuito dessa semana é abrir reflexões e possibilidades para os professores participarem e compartilharem suas experiências na arte e no ensino da arte uma vez que: “Partindo das reflexões sobre arte, pesquisa e processos de criação, torna-se essencial pensarmos e desenvolvermos investigações que contemplam e valorizam as especificidades do processo artístico e o seu intrínseco diálogo com a Educação”. (MOMOLI; BONCI, 2018, p. 189)

¹³ Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/71/politicas_de_extensao.pdf

Essas atividades serão importantes para a reflexão dos participantes nas oficinas como uma experiência instigante para pensar a importância do fazer artístico no processo da formação do professor de Artes, mostrando que as experiências são muito relevantes para a formação do professor de Arte e para a formação do aluno. Afinal, existem diferentes realidades na formação de professores e diversos modos de pensar a educação e a arte. Da mesma forma, o tema indica uma reflexão sobre o professor de Arte e a importância dele:

Aprofundar seu conhecimento estético, que envolve a compreensão e conhecimento dos legados culturais e artísticos da humanidade, unindo o fazer e o refletir, o pensar o que faz e, conhecimentos artísticos, as vivências das linguagens específicas das artes, desenvolvendo uma prática pedagógica que aproxime o estudante do conhecimento cultural e artístico da sua e das demais culturas existentes. (BITTENCOURT, 2013, p. 24.912)

O diálogo feito a partir das ações propostas por este projeto evidenciarão a importância do fazer artístico na formação de professores de Artes, sem determinar fixamente métodos para que se efetive essa formação. Que mostre ao professor que por meio do fazer artístico podemos auxiliar o aluno em sua construção sensível e proporcionando um contato marcante com a experiência estética.

Além do mais, a experiência proposta neste projeto vai além do compartilhamento desses processos de construção de identidade docente e artística, dando também oportunidade para que nós tenhamos conhecimento de como participar de uma mediação cultural. Esta também que se apresenta como importante na formação de professores de Artes que são mediadores e produtores de cultura.

5.7 CRONOGRAMA

Quadro 1 – Cronograma dos Encontros

ENCONTROS	HORÁRIO	DESCRIÇÃO
1º	13h às 17h	No primeiro encontro abordarei o tema do projeto de curso, falando sobre a minha experiência com o crochê em sala de aula e sobre o meu trabalho artístico com o mesmo. Falaremos um pouco sobre o crochê e como ele é visto hoje em dia, e quais as possibilidades que a arte contemporânea traz ao crochê como arte por meio da experiência estética, ou seja, o fazer artístico. Para finalizar uma roda de conversa entre os participantes.
2º	13h às 17h	No segundo encontro retomarei o encontro anterior com uma breve fala e iniciarei o tema experiência estética, o que é, de que forma ela pode ocorrer, e quais as possibilidades de um possível contato com a experiência estética dentro da sala de aula, no nosso caso o crochê. Para finalizar uma roda de conversa entre os participantes.
3º	13h às 17h	No terceiro encontro iniciaremos com uma breve fala e ensinarei como são feitas as correntinhas de crochê. Desse modo iniciaremos nossa oficina, onde os participantes irão refletir como se sentem enquanto confeccionam as correntinhas e farão um desenho com ela inspirados no trabalho de Pablo Picasso, “Em uma linha só”. Neste mesmo encontro iniciaremos o ponto baixo.
4º	13h às 17h	No quarto encontro retomarei a experiência anterior e ensinarei o ponto baixo aos participantes e irão trabalhar por meio do fio conduzido no crochê fazendo escritas. Eles irão elaborar em papel quadriculado a sua palavra, este chama-se gráfico, e a partir disso irão confeccionar seus trabalhos.
5º	13h às 17h	No quinto e último encontro dar continuidade no trabalho do encontro anterior e finalizá-lo. Após a finalização iremos expor nossos trabalhos e iremos dialogar sobre as experiências de cada um, seus sentimentos e concluiremos o curso.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

6 CONSIDERAÇÕES: ARREMATANDO OS PONTOS

“Me agregar às coisas do mundo. Grudar nelas. Mais costuro, mais avanço, me aproximo. Surge das coisas do mundo uma incompletude necessária. São as armadilhas da linguagem: necessidade de articular a linguagem para fazer dela a coisa no mundo”.

Edith Derdyk, 2010

Esta pesquisa não tem seu fim aqui, este é apenas o começo de uma longa estrada. Fazer esta pesquisa me mostrou um mundo de possibilidades e a vontade de ser pesquisadora.

Para as considerações finais desta pesquisa retomo minha questão central, o ponto de onde surgiu a pesquisa: “quais as possibilidades do crochê como experiência estética para os alunos do ensino médio?”

Essa questão desdobrou-se em questões norteadoras que auxiliaram na estruturação das reflexões teórico/práticas aqui apresentadas, dentre elas: Qual o conhecimento que os alunos têm sobre o crochê? Percebo que o conhecimento que os alunos participantes do meu estágio tinham sobre o crochê é o da memória, aquele crochê que a avó, a tia, as mães faziam e que a maioria das meninas tinham interesse em aprender. Algumas meninas já sabiam e um dos meninos comentou que já tinha tentado aprender, porém desistiram durante o processo. Nesta pesquisa, todos foram muito abertos com o crochê, todos sem exceções, pegaram agulha e fio na mão para aprender sem preconceito, abertos ao novo, a uma experiência que tornou-se significativa para todos/as.

Como o movimento Yarn Bombing pode ser inserido dentro da escola? O movimento pode sim ser inserido dentro da escola. E este foi um grande influenciador aos alunos, conforme citado no capítulo 1, o movimento surgiu em decorrência de muitos moradores de rua passarem frio no inverno gelado do Texas. Em 2005 as pessoas se juntaram e produziram mantas com resto de fios e colocavam nas árvores da cidade para que os moradores de rua se aquecerem nas noites frias, esse movimento fez com que os alunos se conscientizassem e entendessem que por meio do crochê eles podiam pensar as relações da arte com o cotidiano.

De que modo o aluno pode ter uma experiência estética a partir do crochê? Vimos que existem inúmeras possibilidades de um contato com a

experiência estética, não só pelo crochê. Mas nesta pesquisa percebemos que o fazer artístico do crochê, a concentração que ele requer, a linha, a cor, a forma, e o ato criativo que ele produz faz com que o aluno tenha um contato com a experiência estética. E não só isso, o aluno precisa estar preparado para essa experiência, então, antes de tudo ele precisa saber o que é esse contato com a experiência estética, e esse preparo é feito por nós professores de Artes. Instigar os alunos por meio de outras experiências, faz com que o aluno entenda o que é a experiência estética. Experiência estética gerada pela criação, imaginação, concentração, sensível, ou seja, todos os sentimentos que tocam esse aluno e que de alguma maneira o modificam.

O que os alunos pensam sobre o crochê nas aulas de Artes? Quando propus o projeto aos alunos, acredito que eles pensaram que não seria possível, como muitos dos meus professores também pensaram. Penso que depois da proposta mudaram sua opinião com o crochê e alguns passaram a praticá-lo. Hoje, ainda tenho contato com os alunos e eles me contam que estão praticando o crochê, que se sentem bem ao fazer e isso só mostra o quanto a experiência foi significativa para os mesmos.

Como o ato de fazer crochê pode ajudar no processo criativo e crítico dos alunos? O ato de criação está altamente ligado ao sensível, como vimos no capítulo três, esse ato de criar envolve pensamento, espaço, corpo, movimento, ação, sentimento. Por esses motivos o ato de fazer crochê está totalmente ligado ao processo e desenvolvimento criativo dos alunos, juntando o fazer crochê com o pensar do aluno ele está formando seu senso crítico. Como destaque no capítulo 4, a proposta realizada no estágio III, vinculou a poética da criação ao seu senso crítico, eles precisavam refletir sobre a nossa sociedade atual e expressar suas opiniões a partir de produções que contemplavam pontos do crochê. Isso resultou em diversos trabalhos mas um me chamou muito atenção pela crítica nele contida, “Qual o valor de uma vida?”, era o chamado da produção. O grupo fez uma crítica ao nazismo onde as pessoas morriam inocentemente e relacionaram também com a sociedade atual que vive tempos sombrios.

De que maneira o crochê pode ajudar o aluno na concentração da busca de si mesmo em relação a experiência estética? Este tópico é totalmente ligado ao ato de fazer crochê, como na obra “Caminhando” de Lygia Clark. Enquanto o aluno faz crochê além de ele estar altamente concentrado, ele está possivelmente

refletindo sobre sua vida, sobre até mesmo o que ele está criando, pensando no passado, presente ou futuro. E ele está na busca de si mesmo, o ato de fazer crochê te transporta para um mundo aonde tudo pode acontecer, tudo pode ser real, ele toca a imaginação então tudo isso podemos chamar de experiência estética.

A partir das questões acima destaco os objetivos, dentre eles o objetivo geral: analisar as possibilidades da técnica do crochê como uma experiência estética para o ensino médio. Este que confirmamos ser possível a partir do momento que o aluno se deixa tocar pelo fazer artístico, como destaca o filósofo Jorge Larossa no decorrer desta pesquisa. Este objetivo foi alcançado, e, além disso, percebemos que não só pelo crochê outros fazeres manuais também podem ajudar no processo criativo e crítico do aluno. Por meio da arte contemporânea, os alunos puderam criar intervenções e instalações significativas, com temas que eles mesmo escolheram, mostrando que a arte produz pensamento.

Muitos destacam que o crochê é utilitário, algo do dia a dia, por isso não pode ser considerado arte. No capítulo dois “Arte Contemporânea e Artefatos Culturais: Arte e Artesania” fiz uma comparação do crochê com as cerâmicas feitas pelos gregos, por exemplo, cerâmicas estas feitas como utilidades domésticas do dia a dia e que hoje são considerados arte. Então porque que uma peça de cerâmica utilitária é considerada arte e uma peça de crochê não? As duas tiveram o ato de criar, o ato de confeccionar, então as duas podem ter concepções estéticas e poéticas. Serão arte pelo seu fazer artístico e pelo seu ato de criação, seu alto teor estético, entre outras características que a fazem tornarem-se artísticas.

Antes de iniciar esta pesquisa, eu tentava entender muitas coisas, mas nada se entende sem uma pesquisa aprofundada. Aprendi muito, coisas que até então não sabia. Entendi que o ato de fazer crochê é rico em memórias, sentimentos, criações e tantas outras coisas. As artesanias estão presentes no nosso dia a dia para que nossa cultura não morra. Precisamos levar a nossa cultura para salas de aulas, mostrar a riqueza que está ao nosso redor. A experiência contada aqui, foi a mais rica e a mais marcante em minha vida. Ficarão guardadas e marcadas em mim até o fim da minha vida. Experiência essa que me deixa emocionada sempre que falo sobre ela. E penso ser muito importante deixá-la registrada para que outros professores possam ter esse mesmo contato que tive e por ele descubrirem novas formas de inventar e ser docente.

REFERÊNCIAS

A ARTE do cotidiano. 2012. Disponível em: <<http://www.saccaro.com.br/blog/a-arte-do-cotidiano/>>. Acesso em: 11 set. 2018.

A HISTÓRIA do Crochê. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-historia-do-croche/62581>>. Acesso em: 06 set. 2018.

ANU Tuominen. Disponível em: <<https://www.mutualart.com/Artist/Anu-Tuominen/6632BC4D27C3F9C0#more>>. Acesso em: 11 set. 2018.

ACCIOLY, Rosaly. **OLEK e arte do crochê**. 2014. (7m21s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mgzBlftXcss>>. Acesso em 02/11/2018

ALMEIDA, Eduardo A. A. Sempre em frente. **Portal Arte faz parte**. Publicado em 15 de setembro de 2018. Disponível em: <www.artefazparte.com/2012/09/sempre-em-frente.html>. Acesso em: 02/11/2018

BITTENCOURT, Cândida Alayde de Carvalho. Formação do professor de arte na contemporaneidade e o processo de criação artística da criança. In: congresso nacional de educação, 9º, 2013, Curitiba/pr. **2º Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE e 3º Seminário Internacional sobre profissionalização docente – SIPD/CÁTEDRA UNESCO**. Curitiba: Educere, 2013. p. 24906-24917. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7148_7188.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

BRINCADEIRA de criança: o playground de crochê e tricô da artista Toshiko Horiuchi-MacAdam. **Arch Trends Portobello**. Publicado em 11 de jul. 2012. Disponível em: <<https://archtrends.com/blog/brincadeira-de-crianca-o-playground-de-croche-e-trico-da-artista-toshiko-horiuchi-macadam/>>. Acesso em> 02 nov. 2018

CARDOSO, Letícia de Brito. **Currículo do Sistema Currículo Lattes**. [Brasília], 02 mai. 2018. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4756827A2>> Acesso em: 02 nov. 2018.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Editora Massangana, 2006. 80 p.

DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. "**Artesanato**"; **Brasil Escola**. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/artes/artesanato.htm>>. Acesso em 02 de novembro de 2018.

DERDYK, Edith. **Linha de costura**. 2. Ed. Belo Horizonte: C/ Arte, 2010. 60 p.

FREITAG, Vanessa. **De artesãos a artistas**: um estudo com ceramistas de Tonalá, México. Sociedade e Cultura, [s.l.], v. 18, n. 1, p.165-175, 18 abr. 2015. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/40612>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

KOLB-BERNARDES, Rosvita. **Segredos do coração**: a escola como espaço para o olhar sensível. Cad. Cedes, Campinas, v. 30, n. 80, p.72-83, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a06.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2018.

KONESKI, Anita Prado. O estranhamento na Arte Contemporânea. In: ZANELLA, Andréa Vieira et al (Org.). **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 79-84.

INTERNATIONAL Crochet Day. Toshiko Horiuchi-MacAdam. Publicado em 12 set. 2014. Disponível em: <<https://stitchesandhos.wordpress.com/tag/toshiko-horiuchi-macadam/>>. Acesso em 2 nov. 2018

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, [s.l.], v. 1, n. 19, p.20-28, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Tudo isso que chamamos de formação estética**: ressonâncias para a docência. Revista Brasileira de Educação, [s.l.], v. 22, n. 69, p.429-452, jun. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017226922>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0429.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos culturais: Algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. **Diversidade e Educação**, S.L., v. 1, n. 1, p.45-46, jan./jun. 2013.

MOMOLI, Daniel; BONCI, Estela. Arte na pedagogia: entre modos de provocar encontros e formas de fazer conexões entre arte, pedagogia e mediação cultural. In: MARTINS, Mirian Celeste; BONCI, Estela; MOMOLI, Daniel (Org.). **Formação de educadores**: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota Editora, 2018. p. 182-197.

PILLOTO, Silvia Sell Duarte. **Educação pelo sensível**. Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 1, n. 2, p.113-127, ago. 2007. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/683/599>>. Acesso em: 08 set. 2018.

_____. A arte e seu ensino na contemporaneidade. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. **Ensaaios em torno da arte**. Chápeco: Argos, 2008. p. 35-51.

PRECIOSO, Karla. **O crochê pode ser um grande aliado para o bem-estar**. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/o-croche-pode-ser-um-grande-aliado-para-o-bem-estar/>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

QUIRK, Vanessa. Conheça a artista por trás desses surpreendentes playgrounds. **Arch Daily**. Publicado em: 10 dez. 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-85729/conheca-a-artista-por-tras-desses-surpreendentes-playgrounds>>. Acesso em: 02 nov. 2018

RODRIGUES, W. Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado. In: **Cultura Visual**, n. 18, dezembro/2012, Salvador: EDUFBA, p. 85-95.

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. 2015. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.


SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. **A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores**. 2014. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149/102>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

TOSHIKO Horiuchi: Paraíso infantil bordado a mano. **Portal Volviendo**. Disponível em: <<https://volviendoanuncajamas.wordpress.com/toshiko-horiuchi-paraíso-infantil-bordado-a-mano/>>. Acesso em 02 nov. 2018

UNESC. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Colegiado da Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação. **Resolução n. 39/2014, Colegiado UNAHCE**. Criciúma, 19 de novembro de 2014. Disponível em: <www.unesc.net/portal/resources/files/615/NormasTCCLicenciatura.pdf>. Acesso em 2 nov. 2018

ANEXOS

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

	<p align="center">UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA</p>
---	--

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, (NOME), _____ (ESTADO CIVIL),
 _____ (PROFISSÃO), _____ portador(a) da
 carteira de identidade nº (NÚMERO), _____ expedida pelo (ÓRGÃO
 EXPEDIDOR), _____ inscrito(a) no CPF sob o nº
 (NÚMERO) _____, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmico Maiara Orben
 Luiz Borghezian do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof.
 Marcelo Feldhaus para que o mesmo os disponibilize como dados da pesquisa de
 campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso
 acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre
 direitos à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: _____

Assinatura: _____

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

